Ano XVI — Lisboa, Junho de 1960 — N.º 182

SEMPRE PRONTO

MENSÁRIO ESCOTISTA

NÚMERO AVULSO 1$50

Assinaturas { De 12 números 18$00 / De 6 números 9$00

Director e Editor
Eduardo Ribeiro

Administrador
Capitolino Ferreira Macedo

Redactor principal
Joel Ribeiro

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
Trav. de Vitorino de Freitas, 9
LISBOA — 3
TELEFONES:
Red. 636607 — Admin. 638849

COMP. E IMP. OTTOSGRÁFICA, LTD. / C. BARÃO, 50 ● PROPRIEDADE DO CÍRCULO FRATERNAL DE COOPERAÇÃO ESCOTISTA (EM ORGANIZAÇÃO)

Dois Dirigentes dos Escoteiros de Portugal receberam a

INSÍGNIA DE MADEIRA

A Insígnia de Madeira, símbolo que Baden-Powell adoptou, tomando como modelo um colar apreendido a um chefe zulo em 1888, é o distintivo conferido aos Escoteiros-Chefes diplomados pelo Campo-Escola de Gilwell-Park, na Inglaterra, ou por outros campos escolas que ministram cursos nos mesmos moldes dirigidos por diplomados em Gilwell-Park devidamente autorizados. Mas o Curso de Gilwell-Park tem sempre um significado especial pelo ambiente em que se desenvolve, pela inspiração que oferece àqueles que o frequentam e até pela personalidade dos seus directores. Lembramo-nos, por exemplo, que o Coronel J. S. Wilson — uma figura que é quase um símbolo do nosso Movimento Internacional, foi seu Director. Actualmente, o Director é o Escoteiro-Chefe John S. Thurman, uma autoridade em adestramento de Chefes, verdadeiro herdeiro do espírito escoteiro que desde Baden-Powell está nas tradições do Gilwell.

Os Escoteiros de Portugal têm agora os seus dois primeiros dirigentes com aquela insígnia, diplomados directamente em Gilwell-Park: o Sr. Engenheiro José Maria Nobre Santos, Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro, que recebeu o seu diploma em Fevereiro passado; e o Sr. José Eduardo Pena Ribeiro, Subchefe do Grupo 94, que o recebeu em Abril passado e cuja insígnia lhe foi imposta no Dia do Escoteiro no Castelo de S. Jorge, pelo primeiro.

Dada a circunstância de se reconhecer cada vez mais necessária uma eficiente preparação para ocupar com proficiência cargos de chefia no Escotismo, este acontecimento marca uma nova época nos Escoteiros de Portugal, tanto mais que os novos diplomados prestaram as suas provas com muito brilho, vencendo as dificuldades idiomáticas, visto que todas as provas, mesmo as teóricas, foram integralmente prestadas na língua inglesa.



(Foto «Wolf Karl»)

Na cerimónia efectuada no Dia do Escoteiro no Castelo de S. Jorge, o Escoteiro-Chefe Eng.º Nobre Santos coloca o colar da «Insígnia de Madeira» no peito do Escoteiro-Chefe Pena Ribeiro

«Sempre Pronto», que não quer deixar de assinalar este facto de tão bom augúrio para o Movimento, felicita e saúda os dois diplomados em quem os Escoteiros de Portugal depositam fundamentadas esperanças como dois pilares do rejuvenescimento associativo.

(Conclui na página 2)

Um testemunho insuspeito

Em Lourenço Marques e nas outras cidades senti-me como na minha própria Pátria — afirma o Escoteiro-Chefe Paquistanês T. Moshin

Estava o último número do «Sempre Pronto» a ser distribuído pelos nossos estimados leitores, quando chegou à Redacção uma interessante carta do nosso amigo T. Mohsin, aquele escoteiro-chefe paquistanês que desde 1956 anda em viagem de boa vontade pelo Mundo, a que nos temos referido nestas colunas. Conta-nos o nosso irmão-escoteiro que não teve possibilidade de obter o visto de entrada na União Sul-Africana, apesar de ter sido recomendado por autoridades do seu país e do interesse da sua associação escoteira.

Entretanto, dado este impedimento, o Chefe Moshin resolveu tomar o avião em Lourenço Marques para a Mauritânia, o que lhe dava possibilidade de viajar em trânsito pela África do Sul, podendo permanecer 24 horas (!) em Joanesburgo. Não nos devemos esquecer que este dirigente escoteiro é um jovem culto, antigo oficial da aviação paquistanesa e tem viajado por inúmeros países da Ásia, Europa e África, acolhido com interesse por toda a parte, sendo entrevistado pela imprensa de diferentes nações. O que nos conta acerca da forma como foi tratado naquela cidade é lamentável. Mas a comparação feita com o tratamento que recebeu na província portuguesa de Moçambique é a melhor ilustração que poderíamos encontrar para o artigo publicado no último número do «Sempre Pronto» acerca do «Escotismo Português e a Segregação Racial.» Mas oiçamos T. Moshin:—«Mas que prova tão penosa! Uma tortura mental para um homem livre como eu. Agora compreendo a situação do povo asiático e negro que tem

(Conclui na página 2)

INSÍGNIA DE MADEIRA

(Conclusão da página 1)

Escoteiro-Chefe Eng.º José Maria Nobre Santos

O Eng.º Nobre Santos tem 41 anos de idade e é licenciado em engenharia civil. Prestou compromisso de honra como escoteiro em 31 de Julho de 1932 no Grupo n.º 13, anexo à Sociedade de Geografia de Lisboa, unidade onde desempenhou os mais variados cargos e, entre eles, o de guia de patrulha e subguia de equipa, sendo nomeado chefe da divisão júnior em 24 de Outubro de 1936 e subchefe em Junho de 1938, cargo em que prestou importantes serviços, competindo-lhe a inteira chefia do grupo por impedimento do respectivo chefe. Como Escoteiro conquistou o cordão de 12 especialidades.

Na Região de Lisboa, foi instrutor e ajudante do Chefe da Defesa Passiva dos Escoteiros de Portugal em 1939; chefe de instrução da Região Centro, em 1948; secretário das relações internacionais, em 1950; Escoteiro-Chefe-Geral em 1951.

Fez parte das representações de Portugal na Conferência de Comissários Internacionais realizada no nosso País em 1950; das Conferências Internacionais de Escotismo efectuadas na Áustria em 1951 e na Inglaterra em 1957. No ano passado foi nomeado Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro.

Em 1957, visitou o Jambori do Jubileu, tendo nessa mesma altura frequentado o Curso Gilwell-Park onde prestou as provas práticas.

O Eng.º Nobre Santos mereceu diversos louvores e recebeu, em 1934, a Medalha de Assiduidade; em 1938, a Cruz Suástica, prata; e, em 1940, a Medalha de Dedicação e Bons Serviços, classe ouro.

■ ■

Escoteiro-Chefe José Eduardo Pena Ribeiro

O Chefe Pena Ribeiro tem 21 anos de idade e é estudante. Prestou promessa, como lobito, em 8 de Julho de 1945, e compromisso de honra como escoteiro em 19 de Maio de 1950. Faz parte do Grupo 94, onde tem desempenhado as mais variadas funções e os cargos de guia de patrulha, chefe da divisão lobito, e, presentemente, subchefe do grupo. Possui as classes cobre e ouro da Medalha de Assiduidade, e Dedicação e Bons Serviços, classe prata.

Conquistou o cordão de seis especialidades; e a categoria de «Escoteiro da Pátria» em 28 de Dezembro de 1958.

Fez parte da representação de Portugal no Acampamento Internacional de Patrulhas, comemorativo do centenário da cidade de São Paulo, no Brasil, em 1954; bem como do Jambori do Jubileu, em 1957, em Inglaterra. Nesse mesmo ano frequentou em França um curso de Insígnia de Madeira da Divisão Lobito, que não pôde terminar por ter sido atingido pela Gripe Asiática, que grassou entre os participantes desse Campo-Escola. Em 1958, frequentou o Campo-Escola de Gilwell-Park, onde prestou as provas práticas. Participou com interessantes trabalhos na I e II Reuniões de Guias de Patrulha Evangélicos e na III Conferência de Escoteiros-Chefes Evangélicos.

Da sua folha de serviços constam diversos louvores, entre os quais um por abnegação e outros dois pelos serviços prestados na divisão lobito e escoteira do seu grupo.

Se tu não te sentes com bastante coragem para fazer o bem por razão pura, aproveita os teus vinte anos para o fazer por paixão.

LIAUTEY

1.º GRUPO DE GILWELL PARK

O Gilwell Park é um interessante parque situado perto de Londres (Este) rodeado pela floresta de Epping. Este parque foi adquirido para a Associação dos Escoteiros da Grã-Bretanha por W. de Bois Maclaren, que era então Comissário para Roseneath em Dumbartonshire, na Escócia. Esta aquisição foi feita em fins de 1918 e constituiu uma magnífica oferta daquele Comissário Escoteiro Escocês, da qual têm advindo benefícios valiosos não só para o Escotismo Britânico, mas para o de todas as nações.

Inicialmente o campo destinava-se a acampamentos dos escoteiros de Londres, particularmente dos bairros do Este, e também para treino de dirigentes. O primeiro curso de Chefes de Escoteiros realizou-se ali de 8 para 10 de Setembro de 1919. O primeiro Chefe do Campo Escola foi o Capitão Francis Gidney. Em 1923, foi substituído pelo Coronel J. S. Wilson, que, em 1943, transmitiu o cargo ao actual Chefe de Campo John Thurman.

Em Maio de 1921, realizou-se ali o primeiro Curso de Chefes de Lobitos. Em 1926, efectuou-se o primeiro Curso de Chefes de Caminheiros e, em 1928, o primeiro Curso para Comissários.

Todos os anos se realizam em Gilwell Park diversos Cursos de Treino para Chefes. Para se obter a Insígnia de Madeira é necessário prestar três provas. A primeira, teórica, é constituída pela resposta a um pormenorizado questionário e comporta matérias respeitantes à doutrina e método escoteiro, exigindo uma nítida compreensão do sistema e objectivos do Escotismo.

A segunda, é a prova prática, e também teórica, prestada directamente no Gilwell Park. E a terceira é constituída pela aplicação da matéria do curso na chefia de um Grupo por um período mínimo de três meses.

Os diplomados com a Insígnia de Madeira constituem o 1.º Grupo de Gilwell Park e encontram-se disseminados por inúmeros países. Eles usam como insígnias uma anilha especial no lenço, a própria «Insígnia de Madeira», que é representada por um colar com dois anéis (bolotas) de madeira, reprodução dos anéis do colar de um Chefe Dinizulo obtido por Baden-Powell na campanha contra os zulos em 1888. Usam ainda um lenço cinzento tendo atrás um rectângulo de tecido escocês com as cores do Clã Maclaren, perpetuando a homenagem ao generoso doador do formoso campo de Gilwell Park.

Os membros do 1.º Grupo de Gilwell Park comprometem-se a desenvolver constantemente os seus conhecimentos do Escotismo no espírito e métodos de Gilwell Park, inspirando e influenciando no mesmo sentido os grupos ou associações em que se encontrarem.

A Insígnia de Madeira pode ser retirada se o chefe diplomado em qualquer ocasião deixa de ser fiel a este espírito.

Esperamos que todos os Caminheiros dos Escoteiros de Portugal considerem como alvo da sua vida escoteira a possibilidade de fazer o Curso de Gilwell Park para melhor servir o Escotismo e, consequentemente, Portugal.

Um testemunho insuspeito

(Conclusão da página 1)

de sofrer aquelas condições não por um dia, mas 365 dias no ano. (...) Que espantosa experiência eu tive quando comparo a calma de Moçambique com a confusão da África do Sul. Encontrei uma profunda diferença e não posso recusar felicitações ao seu povo e governo por manter a política de igualdade para todos. Em Lourenço Marques e em todas as outras cidades senti-me como na minha pátria. Eu pude ir a toda a parte, comer em qualquer parte e permanecer onde quis.»

É muito honroso para nós, Escoteiros Portugueses, este testemunho espontâneo e insuspeito de um Escoteiro-Chefe de um país amigo, que, ao visitar uma província portuguesa, reconhece ter sido recebido pelos Portugueses sem qualquer preconceito racial e que, tendo conhecido Escoteiros Portugueses que estiveram no Jambori do Jubileu, os reconhece como amigos e irmãos.

Possam Portugueses e Escoteiros cultivar sempre este espírito de fraternidade para com todos os homens, o que, sem dúvida, os coloca na vanguarda da civilização no campo dos problemas raciais.

DE OEIRAS

Grupo n.º 12

Este grupo acampou em Abril passado na Quinta de S. Gonçalo, em conjunto com o Grupo n.º13. O acampamento foi montado na quinta-feira e durou até domingo, sendo levantado ao fim da tarde. No sábado houve fogo de conselho, animado pelos escoteiros do Grupo 13, tendo prestado compromisso de honra o novo escoteiro Fernando Norte.

Na noite desse mesmo Domingo, a Equipa Camões apresentou uma peça de teatro no lugar de Murtal, ensaiado pelo caminheiro José Quatorze, tendo sido muito aplaudida. — *C.*



PORTUGUESES DE OUTRORA

O chefe do grupo, naquela reunião semanal, dirigiu-se aos escoteiros dizendo:

—Já temos oito rapazes, que estão há muito tempo adidos à patrulha «Lince». Dentro de duas semanas, na festa do aniversário do grupo, irão prestar o compromisso. Mas gostaria de criar uma nova patrulha. Estão de acordo?

—Sim, senhor chefe. Com oito aspirantes já se faz uma boa patrulha — retorquiu Gastão, o futuro guia.

—Muito bem. Agora, temos o problema do patrono. Daqui a oito dias, na próxima reunião, cada um de vós traz um pequeno estudo sobre uma figura da História, mas que seja pouco conhecida. Patrulhas «Camões», «Afonso de Albuquerque» e «Infante D. Henrique» existem muitas por esse país fora. Portanto, sejam originais. Mãos à obra e até à próxima semana.

Assim falando, o chefe do grupo despediu-se dos rapazes. Estes deitaram-se à obra com tal afã que, na reunião seguinte, oito trabalhos muito curiosos e bem elaborados estavam sobre a mesa do chefe.

—Bom! Todos cumpriram, como era de supor. Agora, vou ler os estudos apresentados os quais serão postos à votação entre os oito futuros elementos da patrulha. O que alcançar a maioria de votos será o preferido.

Assim se fez. Os aspirantes leram os seus trabalhos. O que obteve maior número de votos foi o apresentado sobre D. Sancho Henriques.

* * *

Comandava D. Sancho Henriques, em 1523, um galeão que arribou ao porto de Tam, perto de Malaca, onde o receberam os malaios, com amizade. D. Sancho não tardou, porém, a verificar que essa amizade era fingida, ao ver sessenta lanchas encaminharem-se para o seu galeão, ao som de guerra, formando um círculo que se ia estreitando.

Vão homens para as gáveas e para a tolda. Outros para os bordos. Ainda outros para a proa e para o chapitéu. Deu ordem para só fazerem fogo quando vissem o inimigo próximo. Assim fizeram os portugueses que, na primeira descarga, puseram fora de combate doze ou quinze lanchas. As outras continuaram a avançar, unidas no ataque.

Não demorou muito que o galeão não fosse aferrado por todos os bordos. Cheios de ódio aos portugueses, os malaios entravam pelas portinholas e içavam-se pelas cordas, como demónios, numa luta sangrenta e desproporcionada. Enquanto os inimigos surgiam de todos os lados, os portugueses diminuíam. Das gáveas os nossos faziam grande destroço nos malaios, mas pouco durou a luta, pois foram chacinados. Em baixo, o combate não conhecia tréguas. No galeão corria um mar de sangue.

D. Sancho Henriques, vendo em torno de si apenas treze portugueses, reuniu-os na tolda, e abrigando-se com o chapitéu, continuou o combate com tal fúria que os malaios tiveram de abandonar o galeão e refugiar-se nas lanchas. Dali, à frechada e a tiro, foram matando os portugueses. Nenhum dos nossos se rendeu, preferindo morrer combatendo.

O último a cair foi o comandante do galeão, mas a morte dos nossos custou a vida de mais de quinhentos malaios.

Vitoriosos, os nossos inimigos atiraram os cadáveres ao mar, vararam o galeão em terra, tiraram-lhe a carga e lançaram-lhe o fogo. E enquanto não viram o barco em chamas, não se retiraram, pois supunham que os portugueses ressuscitassem, voltando ao combate.

* * *

Foi assim, num almanaque de lembranças, muito velho, que o Mateus, futuro subguia da patrulha, soube como havia morrido, heròicamente, nos mares da Malásia, D. Sancho Henriques, um dos portugueses de ouro do século das espadas largas. Dentro de poucos dias, na cerimónia do aniversário do grupo, oito aspirantes prestavam compromisso e, já escoteiros, passaram a constituir a nova patrulha «D. Sancho Henriques».

D. Sancho Henriques! Um dos muitos, e esquecidos, heróis do Oriente! Que formoso exemplo de bravura para os rapazes da nossa terra!

MANUEL FERREIRA

O extraordinário valor da Vontade...

Peter Radford, o homem mais rápido da Inglaterra, nasceu há 19 anos em Walsall, Staffordshire, cidade industrial célebre nos anais desportivos pelo facto da sua modesta equipa de futebol ter derrotado num jogo de campeonato, a equipa do Arsenal, que até então não tinha sido vencida.

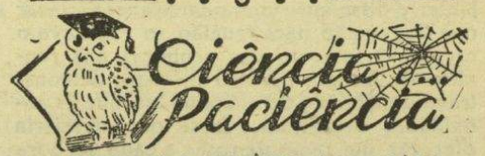
Este jovem estuda Belas Artes na cidade vizinha de Wolverhampton. Dos 5 aos 7 anos, esteve paralítico e preso a uma cadeira de rodas e chegou a ser considerado incurável.

Antes mesmo de aprender a andar novamente, começou a interessar-se pelas corridas escolares e, ao terminar o curso, conquistara já o título de vencedor das 100 jardas para rapazes. Peter Radford revelou qualidades tão excepcionais que, na temporada seguinte, vencendo a corrida de 100 jardas, foi aclamado *sprinter* de classe mundial.

Na primeira temporada em que competiu com campeões nacionais, este jovem calmo e simples cobriu os 100 metros no tempo recorde de 10,3 segundos. Pouco depois classificou-se como o corredor inglês mais rápido tendo conseguido 9,6 segundos, nas 100 jardas, tempo que depois melhorou para 9,5.

Peter Redford classificou-se em quarto lugar nos Jogos da Commonwealth, em Cardiff. Treina-se com tanta vontade que já conseguiu bater os três corredores da «Commonwealth» que o venceram nos Jogos.

O jovem corredor já recebeu várias ofertas de bolsas de atletismo de universidades americanas, recusou sempre tendo em vista os Jogos Olímpicos deste ano. Espera revelar a sua melhor forma em Roma. É bem possível que Peter Radford demonstre ser não sòmente o mais rápido corredor de Inglaterra mas de todo o mundo.



PROBLEMA DIFÍCIL N.º 6/60

O pai disse a seus filhos: — Há um total de 900$00 nestes quatro sacos. Se eu metesse 500 escudos no primeiro, tirasse 400 escudos do segundo, triplicasse o dinheiro do terceiro e tirasse metade do dinheiro do quarto, haveria a mesma quantia em cada saco.

Quanto havia em cada saco?

Solução do Problema n.º 5/60

Como o número sete é primo, a diferença de 7 escoteiros tem que ser respeitante a uma única fila. Portanto, o quadrado comportava 7 filas de 7 escoteiros. O Chefe separou o quadrado em dois contingentes, um de três filas = 21 escoteiros; outro de 4 filas = 28 escoteiros.

Marcou os 5 pontos pela solução certa o nosso estimado leitor sr. João M. Cruz Pinto dos Reis, de Gaia.

ANTIGOS ESCOTEIROS

A Fraternal comemorou o Dia do Escoteiro

Na noite de 23 de Abril último, os Antigos Escoteiros reuniram-se num jantar de confraternização que se efectuou na Rua de S. Paulo, 170, em Lisboa, reunião que decorreu num interessante ambiente de fraternidade escoteira. Estiveram presentes cerca de 65 antigos escoteiros e pessoas de suas famílias. A reunião foi presidida pelo companheiro Rev. Eduardo Moreira, vice-presidente da presidência do Conselho Nacional. Durante o repasto, o companheiro Albano da Silva, secretário da direcção, leu telegramas de saudação dos srs. Comandante Diogo Afonso, secretário-geral da A.E.P.; António Trigueiros Jr., delegado da Fraternal no Algarve; Eugénio Pais Costa, e comunicou telefonemas de companheiros que não puderam estar presentes.

Do Dondo, perto da cidade Beira, onde se estava realizando o «Jambori da Saudade» recebeu-se um significativo telegrama que sensibilizou todos os presentes e dizia: *Presidente Fraternal Escotista: 500 ex-Escoteiros Portugal e famílias reunidos Dondo saúdam V. Ex.as. a) Jorge Cordeiro—Comissário.*

Aos brindes, discursou o companheiro professor Aníbal Ramos, que pôs em relevo o ambiente de amizade daquela reunião, perfeitamente compatível com o significado do Dia do Escoteiro, referindo a lenda de S. Jorge, que descreveu, terminando por afirmar que a guerra contra o Mal prosseguia. O companheiro Eduardo Ribeiro pediu licença para fazer uma proposta, depois de ter esclarecido o alto significado do telegrama recebido da Beira, onde estava decorrendo tão importante reunião de Antigos Escoteiros, acontecimento que sem dúvida marcava o ressurgimento do Escotismo naquela província ultramarina. Mais uma vez a extraordinária vitalidade do Escotismo se manifestava depois de um período de forçada interrupção. Tal como aconteceu em diversos países da Europa, após um lapso de tempo de suspensão, o Movimento ressurge cheio de vida. Propunha, por isso, que fosse enviado um telegrama de saudação dos presentes aos companheiros reunidos naquela parcela do território nacional.

O vice-presidente da Direcção, companheiro Quintino Pinheiro, destacou o significado da presença das senhoras naquele jantar e disse quanto era agradável verificar que de reunião para reunião se registava o crescente aumento das senhoras nas reuniões de Antigos Escoteiros, o que demonstrava o ambiente de simpatia em que as actividades decorriam. Disse que desejaria oferecer um ramo de rosas a cada senhora presente, mas, como isso não era possível, iria oferecer uma rosa a cada uma. Gentilmente, iniciou a distribuição pela sr.ª D. Albertina Ribeiro, a quem prestou homenagem por representar ali já duas gerações de escoteiros constituídas por seus filhos e neto. Entregou ao sr. Brigadeiro Esteves Pereira uma rosa para sua esposa, ausente por doença, outra para a esposa do Rev. Moreira, entregando depois uma flor a cada senhora presente. Por sugestão do companheiro Eugénio Ribeiro Nunes, na bandeira de S. Jorge foi também colocada uma rosa em homenagem às senhoras: Mães, esposas e filhas dos Antigos Escoteiros reunidos na Beira.

Em nome das senhoras, agradeceu a sr.ª D. Rosa Martins, esposa do companheiro Humberto Martins, que também discursou, bem como o companheiro Westwood.

O Presidente da Fraternal, companheiro Dr. Eugénio H. Ramos, explicou as origens, causas e fins daquele jantar. Referindo-se à lenda de S. Jorge, disse que lhe parecia que o Dragão não tinha sido morto, e que a luta contra o Mal teria de continuar.

«É por isso que o Escotismo, apesar de todas as interrupções, continua sempre a existir». E justificando: «Eu considero sempre um acto do Mal contra o Bem quando o Escotismo é interrompido». Lembrou ainda o sr. Dr. Tovar de Lemos, ausente por doença. Foi depois resolvido que a Direcção visitasse aquele companheiro e lhe apresentasse saudações.

Terminou os discursos o Presidente, Rev. Moreira, que começou por dizer que, etimològicamente, Jorge quer dizer «homem da terra». Nós somos homens da terra que temos de matar o Dragão. Teceu considerações acerca dos objectivos da Fraternal e terminou: «Vamos para diante com a nossa esperança e com o nosso sentido de fraternidade.»

Ao terminar da sessão, os presentes ficaram sensibilizados por uma lembrança do companheiro dr. Tovar de Lemos, que enviava um bolo artìsticamente decorado com a flor de lis e com 10 velas para comemorar o 10.º aniversário da Fraternal. O bolo foi acompanhado com um Porto e foi feita uma carinhosa saúde àquele dedicado companheiro, tendo sido as velas apagadas pelo lobito Jorge Silva, filho do companheiro Albano da Silva.

Visita ao Castelo de S. Jorge

No Domingo, dia 22 de Maio passado, a Fraternal promoveu uma interessante visita ao Castelo de S. Jorge, na qual compareceu elevado número dos seus membros, acompanhados de pessoas de suas famílias. A falta de espaço impede-nos de fazer um relato circunstânciado desta actividade. Podemos, no entanto, informar que ela constituiu uma interessante oportunidade para todos aqueles que nela participaram. O companheiro sr. Luís Simões Aurélio traçou a história da fortaleza de Lisboa desde os recuados tempos da sua fundação. Referiu-se às muralhas de defesa construídas por D. Fernando I e explicou o importante significado que elas tiveram para o país habilitando-o a resistir às investidas das tropas de Castela. Cotejando a história do Castelo com a história da nação, o companheiro Aurélio proferiu uma importante lição de história, que mereceu sinceras felicitações de todos. O Castelo foi depois minuciosamente visitado, sob a orientação do mesmo Companheiro.

Uma parte dos visitantes dirigiu-se depois a um restaurante da outra margem do Tejo, onde se juntaram outros companheiros que não puderam estar no Castelo, tendo-se realizado um almoço de confraternização que decorreu muito animado.

Discursaram os srs. professor Aníbal Ramos, engenheiro Nobre Santos e o presidente da Fraternal, Dr. Eugénio H. Ramos.

À tarde, uma parte dos presentes visitou ainda na Ajuda a sede do Grupo 94, onde se realizava a cerimónia da promessa de novos escoteiros.

ESCOTEIRO-CHEFE ARMANDO LINO

E com muita satisfação que registamos a notícia de que, depois de uma cuidadosa convalescença, se encontra restabelecido o nosso dedicado amigo Escoteiro-Chefe Armando Lino, que retomou a sua actividade profissional.

O Chefe Lino teve a gentileza de nos procurar para nos cumprimentar e foi grato abraçá-lo e verificar o seu esplêndido aspecto físico, motivo por que sinceramente o felicitamos.



Grupo n.º 6—OLHÃO

Este grupo colaborou activamente n peditório levado a efeito no passado dia de Abril pelos grupos desportivos de Olhã a favor das vítimas portuguesas de Agad

No dia 10 seguinte, realizou-se um acam pamento na Mata dos Eucaliptos, tendo programa constado de jogos, ginástica e d provas técnicas.

Nos dias 6 e 12 do mesmo mês os esco teiros e caminheiros reuniram-se na sed onde ensaiaram várias canções dirigidas acompanhadas em acordeão pelo antig escoteiro sr. Manuel Casaca. — *J. D.*

(Atrasado na Redacção)

Grupo n.º 77—FARO

Dia do Escoteiro — Este Grupo co memorou o Dia de S. Jorge com uma sessã na sua sede, a que se associaram antigos es coteiros e famílias. O Chefe Mário Martin dirigiu um apelo a todos os escoteiros par ser feito um esforço no sentido de recruta novos elementos para o Grupo.

O Antigo Escoteiro e nosso amigo s Francisco da S. Maurício apresentou o se filho ao Chefe Martins para ingressar n Alcateia.

Direcção —Em virtude do falecimento do antigo presidente da Direcção, foi pro posta através do Delegado dos Serviço Centrais no Algarve uma nova Direcção d Grupo, que ficará constituída pelos srs.:

Presidente — Dr. Armando José Roche Cassiano
Vice-Presidente — Eng.º João Maria Vieir Assis Pacheco.
Secretário—José Manuel Conde Chumbinh
Tesoureiro—Alberto dos Santos Capela
Vogal — Julião Inácio Pestana.

E. S. G.

FILATELIA ESCOTEIRA

ZONA DO CANAL DE PANAMÁ

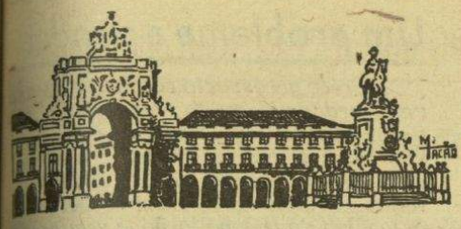
Em comemoracão do Jubileu dos Esco teiros da América foi emitido mais um sel de 4 cêntimos para a Zona do Canal. O sel tem uma moldura azul sobre fundo branco Ao centro tem a insígnia associativa co base na flor de lis, impressa a castanho claro ladeada pelas datas 1910 e 1960, com os nú meros colocados em linha vertical. Em cima tem um listão encarnado com «Canal Zone» a letras brancas. Em baixo, a vermelho «Boy Scouts of America» em duas linhas.

INDONÉSIA

O governo da Indonésia emitiu uma sé rie de sete selos comemorativa do 10.º Jam bori Mundial de Escotismo realizado na Filipinas no ano passado. Todos os selos apresentam em destaque a insígnia associa tiva com base na flor de lis, tendo três dele a flor de lis no centro da Rosa dos Ventos.

GRÉCIA

O Jubileu do Escotismo na Grécia foi comemorado com uma série de 8 selos emi tidos em 23 de Abril passado pelos correios daquele país. Cada um dos selos apresenta um aspecto do Escotismo Grego, tendo sido também publicado um sobrescrito do pri meiro dia com uma vista do acampamento da Ilha de Brownsea desenhado por B. P.



O ESCOTISMO NA CAPITAL

O 5.º Aniversário do Grupo n.º 8

Este grupo comemorou em Maio passado o 5.º aniversário da sua fundação. No Domingo, dia 1, exactamente o dia da semana e do mês correspondente à fundação, realizou na Igreja Presbiteriana Lisbonense, a que está anexo, na Rua Febo Moniz, um serviço religioso de acção de graças. Proferiu o sermão o Rev. João Soares Carvalho.

Na terça-feira seguinte, na sede, no mesmo edifício, dedicou uma reunião aos pais dos escoteiros, que terminou com um chá.

No dia 5, também na sede, o Rev. Eduardo Moreira proferiu uma brilhante conferência sobre «O Escotismo e a Igreja», na qual definiu os objectivos educativos do Escotismo, comuns à obra social da Igreja. Esta sessão terminou com a projecção de filmes culturais.

No dia 19, realizou-se a sessão solene para encerramento das festividades. Presidiu o Rev. Carlos Augusto de Vasconcelos, presidente do Grupo, tendo à sua direita o Director do «Sempre Pronto» e, à esquerda, o Chefe Armando Inácio, representando o Grupo 94.

Foram entregues insígnias de classe, de aptidão e estrelas de serviço. Foi colocada a 5.ª estrela na bandeira do grupo pela sr.ª D. Maria Angélica de Vasconcelos.

Depois do director do «Sempre Pronto» ter dirigido palavras de estímulo aos aspirantes, prestaram promessa os novos escoteiros Clemente Guerra, Rogério de Oliveira, Manuel Vítor Pereira, Guilherme Amado Alberto, Fernando Constantino, Martinho de Oliveira e Carlos Bartolomeu, a quem o Chefe Idílio Gonçalves, em nome dos Escoteiros de Portugal, aceitou como membros da fraternidade escoteira mundial.

O sr. Virgílio Antunes dirigiu algumas palavras aos escoteiros e às famílias presentes, tendo o presidente encerrado a sessão com palavras de exortação aos escoteiros e aos seus dirigentes.

A festa terminou com a exibição de filmes culturais.

Grupo n.º 94

No domingo, dia 22 de Maio passado, realizou-se na sede deste grupo uma sessão para promessa de quatro novos escoteiros, que transitaram da Divisão Lobito. São eles: Rui Manuel Afonso Campos, António Moques, Luís Filipe dos Santos Gomes e Rui Horácio Filipe Macedo, este filho do nosso Administrador e chefe daquele Grupo.

À cerimónia, tìpicamente escoteira, assistiam as famílias dos escoteiros, e imprevistamente compareceu um simpático grupo de antigos escoteiros, que vieram trazer à festa um interessante significado. Os novos escoteiros, depois da promessa, foram constituir a Patrulha Lobo. O Sr. Prof. Aníbal Ramos, em nome dos antigos escoteiros, dirigiu-lhes palavras de exortação e entregou, em nome da Fraternal, a quantia de 20 escudos para o cofre da patrulha. O Director do «Sempre Pronto» usou também da palavra para recordar que há 22 anos tinha feito promessa numa cerimónia semelhante o actual chefe do grupo 94, e que agora estava seu filho a prestar idêntico compromisso. Isso dava a esperança de que aqueles novos escoteiros pudessem vir a ser importantes dirigentes não só do grupo, mas mesmo do Escotismo em Portugal.

A sessão terminou com a projecção de fotografias de actividades escoteiras e um chá oferecido a todos os presentes.

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

PROVA VI

A Boa Acção Colectiva

Depois de uns dias de chuva, voltou novamente o bom tempo. Os rapazes do Grupo «Z» estão radiantes pois podem voltar ao campo a pôr em prática tudo o que aprenderam na Sede durante os meses de inverno.

A nossa conhecida patrulha «Gato» é de todas aquela que mais energia despende nos preparativos para as actividades de campo. O guarda-material reviu cuidadosamente todo o material colectivo da patrulha, procedendo a algumas reparações, principalmente na tenda, que já é bastante velhinha e apresenta algumas mazelas (1).

Entretanto, o guia conseguiu do Chefe autorização para realizar um bivaque com a sua patrulha, a fim de preparar alguns dos seus aspirantes, e os rapazes lá seguiram, manhã cedo, bornal às costas, sedentos do prazer que os exercícios ao ar livre lhes proporcionam.

Já na serra, o guia reuniu a patrulha e delineou o exercício daquele dia. O Álvaro, subguia, iria à frente com mais dois escoteiros para traçar a pista que os dois escoteiros mais novos e os dois aspirantes seguiriam, em grupos de dois. Ele iria na cauda para destruir os sinais e acautelar que algum, menos atento, se perdesse (2).

Aquela primeira fase da actividade decorreu da melhor forma, dando os dois aspirantes boas provas dos conhecimentos adquiridos.

Para a segunda parte da actividade, escolhera o guia um eucaliptal bastante agradável, localizado entre duas colinas mas, perto das quais passava um ribeiro sussurrante.

O guia tinha escolhido aquele local, óptimo para treino de homógrafo, visto que na patrulha se estavam especializando duas equipas.

As referidas equipas, constituídas de dois escoteiros cada, dirigiram-se para os locais indicados e treinaram algumas mensagens.

Os restantes escoteiros seguiram com o guia para as margens do rio, onde se detiveram a avaliar distâncias e alturas. O Álvaro, que se prepara para tirar a 1.ª classe, indicou com precisão a largura do rio e a altura de um choupo que se achava ali perto, utilizando para isso a sua vara de escoteiro (3).

Cerca do meio dia, o Guia apitou para reunir (4) e depois todos se juntaram, à sombra das frondosas árvores, comendo os seus lanches.

Após o almoço, descansaram durante algum tempo.

Quando discutiam já os pormenores dos jogos que iriam efectuar para preencher o resto do dia, ouviram o berrar aflitivo de uma ovelha. O Augusto, que havia estado num dos postos de homógrafo, lembrou que talvez tivesse acontecido alguma coisa a qualquer das ovelhas que havia visto a pastar ali perto, um pouco para Leste.

A correr, dirigiram-se imediatamente naquela direcção e depressa verificaram que os receios do Augusto se confirmavam. Na beira de um poço debruçava-se desesperado um pobre pastor, já velho, que cheio de mágoa via debater-se nas águas uma das mais novas ovelhinhas do rebanho confiado à sua guarda.

Os rapazes não perderam tempo com perguntas e, ante o olhar surpreendido do velho pastor, depressa se prepararam para acudir ao infeliz animal, que continuava a debater-se.

O Guia verificou que a sua espia chegava perfeitamente ao fundo do poço; depois de despir a camisa e descalçar os sapatos, segurou a espia fortemente numa árvore próxima, passando a outra extremidade sob as suas próprias axilas e fez um nó apropriado para aquele caso, (5) após o que começou a descida, auxiliado pelos companheiros que o puxaram para cima logo que ele pôde agarrar a ovelhinha.

Ao ver que a sua ovelha voltava sã e salva, graças à voluntariedade daquele punhado de rapazes, o pobre pastor não cabia em si de contente e, com as lágrimas nos olhos, abraçava o Carlos, lamentando-se por não poder dar-lhe a recompensa que merecia. Ficou, porém, surpreendido ao ouvir a resposta alegre que o rapaz lhe deu:

—A nossa maior recompensa é a ALEGRIA de ter prestado um serviço a alguém.

O pastor quis então saber quem eles eram e ao ouvir que eram escoteiros lembrou-se que há muitos anos já, durante o tempo que esti-

(Conclui na página 6)

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

(Conclusão da página 5)

vera na vida militar, conhecera um companheiro que muito estimara pela sua compostura, lealdade e espírito de sacrifício para com os camaradas. Dizia-se também escoteiro.

Enquanto a roupa do Carlos secava ao sol, os rapazes explicaram ao novo amigo o que era o Escotismo e a sua missão de paz entre os homens, através de todo o Mundo.

O Álvaro falou, a propósito do Jambori que se realizou imediatamente a seguir à última guerra mundial, no qual se juntaram em confraternização muitos escoteiros das nações que haviam estado em luta, lembrando o que lera há pouco tempo num dos exemplares já antigos do «Sempre Pronto», existentes na biblioteca da Patrulha (6).

O pastor escutou com muito interesse e quis depois saber a quem se ficou a dever a introdução do escotismo em terras portuguesas, ao que o Carlos respondeu com prontidão (7).

Quando o sol já ia caminhando para o Ocaso (8), os rapazes da «Gato», depois de se despedirem do velho pastor que mais uma vez agradeceu enternecido o salvamento da sua querida ovelha, voltaram para a Sede satisfeitos pelo dia magnífico que haviam passado e de terem praticado uma Boa Acção Colectiva da Patrulha.

M. G.

QUESTIONÁRIO

		pontos
1 — Execute num pedaço de pano os seguintes trabalhos: coser uma costura, pregar um botão e prender uma argola de esticador	*a)*	1 a 8 »
2 — Faça um croquis indicando uma pista com o mínimo de 20 sinais diferentes relacionando os mesmos com os locais assinalados		3 »
3 — Descreva pormenorizadamente como se calcula a largura de um rio e a altura de uma árvore, utilizando a vara de Escoteiro		4 »
4 — Indique o sinal morse convencional de reunião		1 »
5 — Qual foi o nó empregado pelo guia para se suspender na espia		2 »
6 — Onde e em que ano se realizou o Jambori a que o Álvaro se referiu?		2 »
7 — Qual foi a resposta do Carlos?		2 »
8 — Descreva a forma de nos orientarmos em relação ao Sol, indicando as horas aproximadas das suas posições nos diferentes pontos cardeais e colaterais		3 »

a) Consoante a perfeição do trabalho apresentado.

As respostas aos restantes quesitos que não estejam integralmente certas, ou que sejam consideradas insuficientes, serão desclassificadas.

O prazo para a entrega das provas termina em 30 de Junho corrente. São dados mais 3 dias aos retardatários, descontando 1 ponto por cada dia.

PROVA V

CLASSIFICAÇÃO

PATRULHA	Grupo	QUESITOS 1	2	3	4	5	6	7	8	Assinaturas Supl.res	Atraso (menos)	Total	Classif. Geral
Gato Preto — Porto	4	0	0	0	2	6	2	2	0	20	—	32	124
Águia — Lisboa	13	2	1	1	2	8	2	2	2	—	—	20	80
Galo — Angra do Heroísmo	52	2	1	1	2	8	2	0	2	—	—	18	89
Águia — Lisboa	5	2	1	1	2	3	2	2	2	—	—	15	105
Veado — Lisboa	7	0	1	0	2	2	2	2	2	—	—	11	55
Águia — Lisboa	94	0	1	0	2	2	2	2	0	—	—	9	64
Poupa — V. R. St.º António	60	0	1	1	2	1	2	0	2	—	—	9	62
Leão — Lisboa	10	0	1	1	2	0	0	2	2	—	—	8	54
Cão — Lisboa	94	0	1	1	2	2	0	2	2	—	3	7	70
Tigre — Lisboa	8	2	1	0	2	0	2	0	2	—	3	6	61
Lobo — Lisboa	94	0	1	1	2	2	0	2	0	—	3	5	70
Açor — Tavira	59	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	54
Águia — Lisboa	10	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	35
Leão — Lisboa	13	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	39
Falcão — Algés	14	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	31
Tigre — Algés	14	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	—	16

Para alcançar o título de «Patrulha de Mérito» são necessários 200 pontos!

Um problema a ponderar

Parece necessário continuar a afirmar uma verdade já muito repetida: No Escotismo o objectivo principal a atingir, que sobreleva todos os outros, é a educação do rapaz. Todos os esforços, toda a acção, todas as iniciativas devem convergir para esta finalidade e nada pode nem deve ser feito que possa prejudicar tão importante finalidade. Portanto, em Escotismo, para saber se uma atitude é válida basta perguntar se contribui para a educação do rapaz. Se não contribui, se deseduca, está condenada.

Poderá parecer ociosa esta afirmação, mas o facto é que há ainda quem esteja investido da responsabilidade de chefe escoteiro e proceda de forma a ignorar por completo este princípio. Põem em primeiro lugar a propaganda, a organização, o grupo, as finanças e outros objectivos muitas vezes justos, mas secundários.

Recentemente, o Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro achou conveniente chamar a atenção de todos os Grupos para o que está determinado no Regulamento Geral acerca de angariação de donativos para o Escotismo e que diz: «Salvo casos especiais, prèviamente autorizados pela Direcção da Associação, não é permitido angariar fundos por meio de peditórios ou subscrições a favor de organismos associativos ou de colectividades estranhas, mesmo para fins beneficentes».

Sob o ponto de vista educativo, esta matéria regulamentar é indiscutível. O peditório feito por rapazes, mesmo com os melhores fins, é prejudicial à educação. O rapaz deve ser guiado no sentido de obter os meios essenciais à sua patrulha ou grupo através do seu próprio esforço. Isso é que educa. Festas, trabalhos manuais, angariação de sucatas, etc. A pedincha é um vício comum que importa combater. Por se reconhecer isso, os regulamentos escoteiros não a permitem e os dirigentes regionais ainda recentemente fizeram lembrar esse facto.

No entanto, alguns grupos de escoteiros vivem numa contínua actividade de pedinchice. Ùltimamente, vai-se ao extremo de andar de porta em porta, com crianças fardadas, a esmolar. Na Ajuda, agora, aparece um bombeiro acompanhado de lobitos ou escoteiros a vender rifas de um escudo para comprar material. São vinte e cinco mil rifas, dizem. Que calamidade! Apetece-nos perguntar para que quer um grupo tanto dinheiro visto os prémios serem insignificantes. Trata-se de uma actividade ilegal e, ainda por cima, contribuindo ao jogo, outro vício pernicioso. Tudo em prejuízo da educação!

Além disso, a rifa não indica a entidade responsável. Na Ajuda há um grupo de escoteiros há 26 anos. O público, que ignora o assunto, ficará convencido de que é esse o autor do peditório, com o consequente descrédito para a sua actividade e prestígio conquistado através de muitos anos de acertado labor educativo.

Não haverá maneira de evitar estes atropelos ao Regulamento Geral da A. E. P.?

Por incrível que possa parecer ainda sucede coisa pior do que isto. Estava o nosso jornal já na máquina, quando nos chegou a notícia de que pelas ruas da Ajuda e Belém anda uma mulher, que não pertence sequer ao Movimento, fardada de escoteira maríttma, acompanhada de dois rapazes com a mesma farda, pedindo esmola para umas crianças pobrezinhas que vão ter um acampamento de férias. Trata-se de um problema velho de que tem chegado à Direcção da A. E. P. inúmeras reclamações, atendidas, é certo, mas sem que o problema seja solucionado.

Um dirigente escoteiro interrogou esta mulher e chamou a sua atenção para a irregularidade da atitude. Pois foi insultado em altos gritos com todas as obscenidades possíveis. Não será tempo de resolver este problema?

Conversando com a «Patrulha Gato Preto», vencedora da 3.ª prova

«Grande Concurso Escalpe de Ouro»

«A nossa primeira vitória, oferecemo-la com muita alegria ao nosso Grupo e a quem nos dirige... Porque tudo o que somos lhes devemos...»

Foi no dia 10 de Maio, terça-feira, pelas 22 horas, mais ou menos, quando fomos encontrar o Chefe António Barbosa, a preencher umas folhas de cadastro de alguns novos elementos e o seu ajudante António Gonçalves, rodeado de vários escoteiros, apontava para uma «Rosa dos Ventos» pintada a esmalte no tecto, explicando a estes os vários pontos e como se dividiam. Os seniores Figueiredo, Polidoro e Algarinho, a um canto da sua Equipa D. João de Castro, dedicavam-se ao arranjo dos esticadores das «caixas» do Grupo. A minha chegada não causou surpresa pois já contavam, e assim, imediatamente todos formados foram trocadas as saudações da praxe. O Chefe Barbosa veio ao meu encontro cumprimentando-me muito fraternalmente, fazendo-me sentir o quanto muito admira a Direcção do nosso jornal e a estes apresentava as suas melhores e indeléveis saudações escotistas. Seguidamente apresentou-me os escoteiros que constituem a Patrulha «**Gato Preto**». Em primeiro lugar, o simpático «russito» Fernando Neves, Guia da Patrulha e Subguia Manuel Tavares, Secretário da Patrulha.

—«Então Neves a tua Patrulha «**Gato Preto**» ficou satisfeita por ter ganho na Prova III o título de Patrulha do Mês?»

— «Se ficou, creia que foi com o maior júbilo que recebemos essa vitória e que a oferecemos com muita alegria ao Grupo e a quem nos dirige, porque tudo quanto somos lhes devemos. O Manuel Tavares então esclarece:—Reina em nós uma força indómita de vencermos este Grande Concurso Escalpe d'Ouro, e pena temos que outras Patrulhas do Norte — que as há e das boas — não tivessem concorrido, pois por certo viriam trazer um outro sabor a este Concurso e talvez uma maior alegria. Assim somos só nós contra todos os do Sul. Sabe uma coisa? —Diz o Fernando Neves.—O que nos aflige enormemente é o 5 e essas patrulhas do 94 que andam por aí, supomos, a fazer jogo de equipa».

«Depois foi-me apresentado um gráfico circunstanciado com o desenvolvimento geral das classificações parciais e totais das Patrulhas Concorrentes do Concurso, sendo-me dito por todos em geral que a Patrulha do Mês seguinte, seria novamente, conforme seus cálculos, a «**Gato Preto**». Depois, o Neves, apontava o Norberto Barbosa, rapaz de 15 anos, estudante, dizendo que era o filho do Chefe e que vinha desde Lobito. Tem o 2.º ano do Curso Comercial e que sobre escotismo é um dos que marca. Foi Guia de Bando e, como escoteiro, tem mostrado que vai longe. A este está-lhe entregue o serviço de organização, respeitante ao Concurso, cabendo-lhe classificar o mapa e avisar a patrulha dos progressos. Este é o Manuel Teixeira de Sousa com 6 anos de escotismo dentro do nosso Grupo e só tem 13 anos! Este Escoteiro, no seu tempo de Lobito fez uma excursão a Valongo, sendo-lhe prometida pela A.E.P. a especialidade de «andarilho» quando chegasse a Escoteiro. Bem sabemos que não existe esta especialidade, mas cremos que a A.E.P. procurará atribuir a este Escoteiro qualquer insígnia que condiga com a prova e com a sua idade, então 7 anos, naquela altura. E também foi Guia de Bando. Este é o Paulino Dias, rapaz novo no nosso Grupo, mas que sabe o que queremos dele. Tem 13 anos, é empregado comercial. Este é o Alfredo Gama e este é o António Leite, com 13 anos cada, que se ocupam como Guarda de Material da Patrulha, cabendo ao primeiro o serviço de inventário.

«Como vê os elementos da «**Gato**» são rapazes que aqui mudaram os seus dentes e, à parte disso, sentem o escotismo de todo o seu coração e a sua Patrulha, chegando ao ponto de adoecerem se os seus cálculos falham».

—«Qual é a tua opinião acerca do Concurso em que a Patrulha está a participar com tanto entusiasmo?»

— «A minha opinião é que o Grande Concurso Escalpe d'Ouro veio trazer até nós empreendimentos com que não contávamos e que, graças a ele, podemos afirmar, embora estejamos na 4.ª prova do Concurso, que já possuímos conhecimentos que nunca os teríamos, porque nunca teriam vindo à mente certos problemas que o Concurso nos tem proporcionado. Além disto, é com o maior prazer que recebemos as provas, visto a sua apresentação ser muito interessante, o que muito nos entusiasma a responder aos seus quesitos. Merece felicitações a Direcção do «Sempre Pronto» e o entusiasmo, com que recebemos desde o princípio o Concurso, reflecte-se claramente que queremos saber mais e melhor, nunca nos poupando a esforços quando a pergunta se torna um tanto ou quanto difícil. Como já dissemos, possuímos um ror de livros, revistas e jornais que nos facilitam bastante o trabalho do Concurso.

—«Que projectos tem a tua Patrulha em vias de realização?»

— «Os projectos actuais da nossa Patrulha são os de cada vez melhorar mais os nossos conhecimentos e arrecadar para esta Patrulha o «almejado» Escalpe d'Ouro. E já que falamos em Escalpe d'Ouro, desculpe-nos esta observação. É de facto ouro o referido escalpe? A prova em questão obriga-nos a muitas canseiras e seria justo que o Escalpe mereça algum valor real.

—Sim o «Escalpe» terá valor. Será um troféu que simbolizará a vitória e o valor do vencedor. Terá o valor estimativo sempre caro ao coração de um escoteiro, mesmo que o Escalpe seja uma modesta fita.

—Tens as colunas do «Sempre Pronto» à tua disposição. Queres fazer uso desta oportunidade?

—"Se me dá licença, quer a Patrulha «Gato Preto», do Grupo 4, felicitar todas as Patrulhas do Concurso, felicitar os Directores do Jornal «Sempre Pronto» e apresentar ao Sr. Luís Grau Tovar de Lemos os nossos melhores respeitos e agradecimentos pela sua carta quando do nosso protesto à Mesa de Recurso.

—«Muito obrigados e até à próxima entrevista!... onde serão remetidas as respectivas fotografias deste acontecimento, e isto porque sabemos que terão novamente o incómodo de vir à nossa presença».

E assim dei por terminada a entrevista com os briosos escoteiros da Patrulha «Gato Preto» e do Grupo 4 do Porto, onde verifiquei no pouco tempo que ali estive que ali se respira escotismo, ordem e trabalho.

A. B.

O que importa, antes de tudo, é que as crianças sejam sinceramente amadas e tratadas como seres humanos.

J. W. ADORNO

Soluções da Prova V

1—Não podiam estar de acordo. A boca da tenda deve ficar voltada para o lado contrário de onde vem o vento. É na sede, na reunião do Conselho de Patrulha, que se estuda o programa do acampamento e se divide o trabalho por cada um dos escoteiros, de forma a que chegados ao campo, saiba cada um o que lhe compete fazer.

2—A instalação da latrina e das fossas é feita do lado contrário de onde vem o vento para evitar o mau cheiro; e longe dos poços cuja água seja utilizada para beber ou para lavagens.

3—Não se deve beber café ao deitar porque poderá prejudicar o sono.

4—No Escotismo, os que estão em posição de chefia são aqueles que ocupam os lugares menos confortáveis. Portanto, à boca da tenda fica o guia, junto à parede de fundo fica o subguia, e os restantes são escalonados de forma a que os mais novos fiquem no centro.

5 — Lamentàvelmente verificou-se que as Patrulhas não foram ao campo, salvo honrosas excepções. Estávamos em Maio. Os nossos campos têm tanta variedade de flores! Claro que pedíamos **flores silvestres** e não folhas ou flores de jardim. Estas provas foram desclassificadas.

6—Era uma queimadura de 2.º grau. Deveriam ter limpo a ferida com água fervida tépida, cobrindo-a depois com soluto de mercurocromo ou vazelina esterilizada. Cobrir com um penso seco de algodão.

7—A Conferência de Dirigentes é o mais alto organismo dirigente da Associação dos Escoteiros de Portugal. A Conferência reúne de dois em dois anos. (Art. 15.º dos Estatutos da A.E.P.)

8—Podemos afirmar que os maiores deveres do Escoteiro são aqueles que ele deve a si próprio. Eles são a base de todos os outros deveres. O rapaz que não se sabe respeitar a si próprio torna-se indigno. O Escoteiro deve ter um comportamento de tal forma exemplar que todas as pessoas o estimem e considerem. Deve respeitar o seu corpo e mantê-lo puro e limpo para salvaguarda da saúde. Outro dever do Escoteiro para consigo próprio é procurar estudar e preparar-se para a vida.



O ESCOTISMO ATRAVÉS DO MUNDO

Dia do Escoteiro em Inglaterra

Conforme é tradicional, 1.000 escoteiros da Comunidade Britânica, Escoteiros da Rainha (categoria equivalente à de «Escoteiro da Pátria») e Escoteiros detentores de condecorações por bravura, reuniram-se no Castelo de Windsor, em cuja catedral se celebrou um serviço religioso em comemoração do Dia de S. Jorge. A este serviço é costume assistir a Rainha, perante a qual os Escoteiros depois desfilam. Este ano, porém, em virtude da Soberana se encontrar doente de constipação, não se esperava a sua presença. Todavia, a Rainha apareceu de surpresa, apresentando ainda aspecto pálido, e recebeu calorosa ovação no momento em que se encaminhou para o quadrângulo do castelo para inspeccionar os Escoteiros.

Este acontecimento demonstra bem o alto interesse que a Rainha Isabel dedica ao Escotismo Britânico.

Este número foi visado pela Comissão de Censura

Esteve em Lisboa o Antigo Escoteiro Sr. Werner Barblan, de Berna, Director do Boletim da «International Fellowship»

O sr. Werner Barblan, de nacionalidade suíça, director do Boletim da «International Fellowship», no regresso dos Estados Unidos teve a gentileza de se deter em Lisboa propositadamente para tomar contacto com a Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal. Recebido na Sede pelos srs. Dr. Eugénio Henrique Ramos, Eduardo Quintino Pinheiro, Albano da Silva, da Direcção; e pelos srs. Wolf Karl, Luís Simões Aurélio e Director do «Sempre Pronto», o sr. Werner Barblan expressou a sua satisfação por se encontrar no nosso país e tomar contacto com os Antigos Escoteiros de Portugal. Falando as línguas francesa, alemã, inglesa e italiana, o sr. Barblan manteve uma conversação agradável com todos os presentes.

«Sempre Pronto» quis aproveitar o ensejo para fazer uma rápida entrevista ao nosso amável visitante, a que ele prontamente acedeu.

Interpretados pelo nosso amigo Wolf Karl, que fez as perguntas em alemão, interrogámos:

—Quer ter a bondade de nos dizer se o Movimento dos Antigos Escoteiros está progredindo no Mundo?

A resposta foi pronta e clara: — Sim, mas lentamente.

Insistimos: — Parece-lhe que o Movimento possa a vir a desenvolver-se ao ponto de fazer sentir a sua influência nas relações entre os povos?

— Sim, poderá. Mas faltam ainda países importantes onde não se conseguiu até agora introduzir o Movimento das Fraternais, tal como os Estados Unidos. Todavia, acredito que com o tempo virá a ter uma boa influência nos diversos povos.

Resolvemos orientar as nossas perguntas noutro sentido, esclarecidos já acerca da actual posição das associações de antigos escoteiros.

—Há organizações de Antigos Escoteiros na Suíça?

—Existem dois movimentos de antigos escoteiros na Suíça. Um movimento constituído por antigos escoteiros que se encontram apenas interessados no patrocínio do grupo a que pertenceram. Podemos dizer que eles são membros passivos dos activos. Este movimento não faz parte da "International Fellowship„.

«Há, então, o outro Movimento chamado «Liga de S. Jorge», que não está ligado aos grupos. É uma organização para toda a Suíça e tem actualmente 250 membros. É membro da «International Fellowship». Desenvolve-se uma intensa campanha para que os «antigos» isolados se venham juntar a esta organização, havendo fundamentadas esperanças de o conseguir.

—E quais são as actividades da «Liga de S. Jorge»?—inquirimos.

—A principal actividade da organização nacional é a protecção da juventude. Organiza campos de férias, obtém hospedagem nas montanhas para os jovens da cidade e outras actividades semelhantes. A «Associação Pró-Juventude», uma organização nacional a favor da infância, liga-se todos os anos a uma organização para fomentar o estabelecimento de campo de férias e, este ano, está operando de colaboração com os antigos e actuais escoteiros. Devo esclarecer que da Liga de S. Jorge fazem parte antigos escoteiros e antigas guias de todas as religiões, sem qualquer separação.

«Os Antigos Escoteiros quiseram alugar um campo, de vegetação tão selvagem e virgem quanto possível, onde os escoteiros encontrassem um ambiente próprio para os seus acampamentos. Esse local acaba de ser alugado e foi possível encontrá-lo anexo a uma fábrica de gesso. Este terreno está reservado para no futuro aproveitar apenas a pedra, visto que a matéria prima para a indústria do gesso é escassa na Suíça. Como só daqui a muitos anos será iniciada a exploração, o terreno será entretanto usado nos acampamentos.

Agradecemos ao sr. Werner Barblan as suas tão interessantes informações, ao que este nosso companheiro respondeu, afirmando:

—Estou muito satisfeito por ter tido uma recepção tão calorosa em Portugal. Verifiquei por este meio que a actividade dos Antigos Escoteiros em Portugal está viva e desenvolvida. Espero que com o tempo se venham a reunir na vossa Fraternal todos aqueles que estão agora fazendo parte activa no Movimento dos Escoteiros.

A Direcção da Fraternal ofereceu depois um jantar ao sr. Werner Barblan num restaurante típico da capital, tendo assistido a um espectáculo de danças e canções regionais, que muito apreciou.

No dia seguinte de manhã, 18 de Maio passado, o sr. Barblan partiu de avião para a Suíça, tendo comparecido no aeroporto a apresentar-lhe cumprimentos de despedida os srs. Dr. Eugénio H. Ramos e Albano da Silva, presidente e secretário da Direcção da Fraternal, respectivamente.

E. R.

Capitão Armando Nacarato

Acompanhado de sua Esposa, a Aquelá D. Carmen Helena, passou alguns dias em Lisboa e seguiu para o Norte do país em viagem de turismo, o sr. Capitão Nacarato, Comissário Distrital de Santos da União dos Escoteiros do Brasil. O sr. Comissário Nacarato e sua Esposa, que tiveram a amabilidade de nos visitar, na companhia do Escoteiro-Chefe Albano da Silva, que o acolheu e acompanhou em algumas visitas à capital, seguirão depois para a Itália e no regresso voltarão a passar por Lisboa a caminho dos Estados Unidos. Desejamos-lhe uma excelente viagem.

SER OU NÃO SER

«PATRULHA DE MÉRITO»

Eis o primeiro alvo do «Grande Concurso Escalpe de Ouro»

Em Angra do Heroísmo, o Escoteiro-Chefe Moniz Silva recebe significativa homenagem a propósito da passagem do 25.º aniversário do seu Compromisso de Honra como Escoteiro



Em cima, o homenageado agradece. À sua direita os srs. Rev. Cónego Dr. A. Cunha Oliveira, Deodato Ferreira, da Direcção do Grupo; e à esquerda, os srs. Dr. Henrique Braz, presidente da Direcção, Dr. Henrique Henriques Flores, médico da unidade. Em Baixo, o homenageado tendo à sua direita sua Mãe e sua Esposa, e à esquerda sua Filha rodeados dos promotores da homenagem

As horas de ócio são aquilo que delas se faz. Podem ser uma grande alegria ou o pior flagelo. Os homens determinam-lhe a qualidade e, reciprocamente, a sua qualidade os determina. Outrora, o trabalho determinava o trabalhador. Hoje, as horas de ócio determinam o homem.

WALTER B. PITHIN

MÁQUINAS DE ESCREVER
SOMAR E CALCULAR
NOVAS E USADAS
VENDAS COM FACILIDADES DE PAGAMENTO
ALUGUER DE MÁQUINAS DE ESCREVER
OFICINA DE REPARAÇÕES
COM PESSOAL ESPECIALIZADO
ORÇAMENTOS GRÁTIS
QUINTINO · MEIO SÉCULO AO SERVIÇO DA TÉCNICA DE MÁQUINAS
QUINTINO, L.DA
RUA DA PRATA, 141, 2.º
TELEF. 36 73 73
LISBOA - 2

GRANDE CONCURSO "ESCALPE DE OURO"

JANEIRO A DEZEMBRO DE 1960

Dedicado a todas as Patrulhas dos «Escoteiros de Portugal» — As Patrulhas que conquistem um mínimo de 200 pontos receberão diploma de «PATRULHA DE MÉRITO» e os seguintes valiosos prémios:

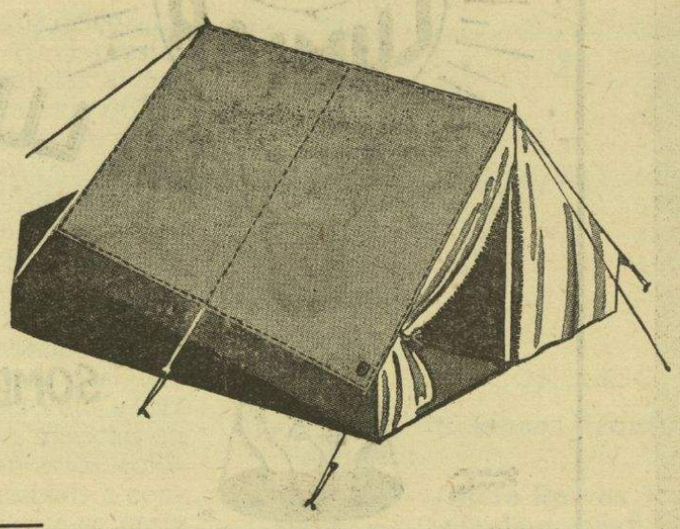
1.º Prémio

Oferecido pela reputada casa de ARTIGOS PARA CAMPISMO E PESCA DESPORTIVA

TECNICAMPO, L.DA

Rua da Conceição, 13, 1.º—LISBOA 2

UMA TENDA MODELO CANADIANO POPULAR



Ref. C 3. 1,30 m. de altura, 2 m. de comprimento, 1,60 de largura e 0,40 m. de parede. Confecção de tela Super-Tropical impermeabilizada, artigo de boa qualidade.

UMA MEDALHA COMEMORATIVA para cada membro da 1.ª patrulha classificada, oferta de **HÉLDER CUNHA,** conceituado fabricante de **taças, medalhas, bronzes e emblemas.** Rua dos Correeiros, 140 - 4.º — Lisboa 2

2.º Prémio

Troféu «FRATERNAL DOS ANTIGOS ESCOTEIROS DE PORTUGAL». Interessante troféu escotista, esculpido segundo desenho de B. P., vindo expressamente de Inglaterra. Uma homenagem dos Antigos Escoteiros à 2.ª Patrulha de Mérito.

3.º Prémio

Uma Taça de Prata, oferta da conhecida casa de máquinas de escritório — **QUINTINO, L.DA** — Reparação, vendas e aluguer de máquinas. Rua da Prata, 141, 2.º — Lisboa 2.

4.º Prémio

12 Latas pequenas de **Milo** — um produto **Nestlé** — delicioso alimento tónico, útil para as refeições matinais no campo e em casa. Oferta da **SOCIEDADE DE PRODUTOS LÁCTEOS,** Rua Sociedade Farmacêutica, 39, Lisboa 1.

5.º Prémio

Uma Lanterna eléctrica (pilhas) colectiva para suspensão. Uma Lanterna de bolso para cada um dos 8 elementos da Patrulha. Oferta de **ELECTRO-BRILHANTE,** Rua dos Fanqueiros, 187, Lisboa 2

Esta importantante casa de artigos eléctricos oferece de 10 a 40 %, segundo a natureza dos artigos, a todas as patrulhas concorrentes ao nosso Concurso.

6.º Prémio

Uma Marmita suíça de alumínio SIGG, modelo «SCOUT» com cinco peças. Oferta da conceituada casa de artigos de campismo **VIEIRA CAMPOS,** Rua da Prata, n.º 215, Lisboa 2.

7.º Prémio

Um Balde e um Alguidar de lona, de boa qualidade, oferecidos pela **Secção de artigos de campismo dos ARMAZÉNS GRANDELA,** Rua do Ouro, 205 — Rua do Carmo, 26, Lisboa 2.

8.º Prémio

UM ARTÍSTICO GALHARDETE DE PATRULHA oferta e confecção da antiga **CASA DAS BANDEIRAS,** Rua dos Correeiros, 149, Lisboa 2.

9.º Prémio

Uma artística Fotografia 24×30 oferta da **FOTO PÉLYS,** Rua Tomás da Anunciação, 62, Lisboa 3.

Para as restantes Patrulhas de Mérito: 1 exemplar do Manual de 1.ª Classe — **MAIS ALÉM** — oferta de «Sempre Pronto».

Prémio Recordação. A última patrulha classificada receberá mais 12 copos de plástico, oferta de Horácio Alves L.da da Rua Augusta, 45, Lisboa.

PRÉMIOS ESPECIAIS

Os Serviços Regionais do Centro dos Escoteiros de Portugal oferecem às duas Patrulhas melhores classificadas da Região Centro, excluída aquela que ganhar o 1.º lugar do Concurso se for desta Região, os seguintes prémios:

1.º — Material no valor de Esc. 50$00, requisitado pelo Guia de Patrulha, com aprovação do Escoteiro-Chefe. Um diploma e um exemplar do livro de provas de 1.ª classe **Mais Além.**

2.º — Material no valor de Esc. 25$00 requisitado nas mesmas condições, e um livro de provas de 2.ª Classe «Sempre Pronto».

N. B. — Para obter este material, as Patrulhas terão de entregar igual quantia à oferecida, que adicionada a esta será igualmente empregada na aquisição de equipamento.

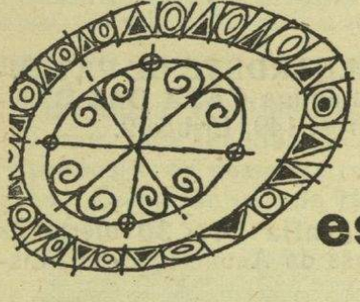


EMPRESA NACIONAL DE APARELHAGEM ELECTRICA

Avenida 24 de Julho, 150

TELEFONES 66 21 77/78

LISBOA 2



província essencialmente aprazível

1960 — A SABOIA CELEBRA O SEU CENTENÁRIO

No ano corrente, explore as montanhas com reflexos lilases, os lagos românticos de uma das maiores zonas de recreio do mundo. Na Saboia, poderá tentar a sorte ao jogo em Aix, entrar nas corridas de Annecy, fazer golf em Evian, ski em Chamonix, velejar em Talloires, desafiar o Monte Branco — ou se preferir, deixar-se embalar tranquilmente sob os frondosos plátanos, olhando os cisnes que cortam as águas plácidas.





Dê largas à fantasia em França

france

COMMISSARIAT GÉNÉRAL AU TOURISME

242, RUA AUREA, 3.º - LISBOA - P. P. C. 25368/9

Cantinho dos mais novos

Páginas do tempo...

II

As paredes amarelecidas suam abundantemente dum suor gelado. Nos vidros da janela, matraqueia, incessante, uma chuva miudinha. A noite já vai alta e nem uma luzinha a tremular no céu. Está frio. Lá fora só se ouve o vento em assobios macabros.

A minha escrivaninha de segunda-mão, vai rangendo súplicas à medida que escrevo. Está velha. Tudo é velho neste meu quarto: o quadro de S. José, carcomido pela traça, que está sobre a minha cabeceira, as tábuas esburacadas do soalho, o meu leito, onde tem repousado uma geração.

Chego a pensar, às vezes, se não serei velho também.

Não sei que poema escrevo. A minha vista fraca quase não distingue as palavras tradutoras do meu êxtase.

Há vários buracos no tecto carcomido, que, às vezes, me ponho a contar quando me deito. Dum deles, o maior, caem, compassadas, grossas pingas de água meio esverdeada, que se estatelam, musicais, no fundo dum alguidar que minha mãe ali pôs.

A chuva soa agora mais forte. Tenho o poema quase terminado. De repente, tudo são trevas. Apaga-se a luz. Com certeza, foi o temporal que destruiu alguns fios. Às apalpadelas, chego à cozinha. Uma vela... aqui está. Fósforos... deviam estar junto ao fogão... ali!... cá estão eles... estão molhados. Não poderei escrever mais.

Mas porquê? Porque está tudo contra mim? Realmente, já é tarde, vou deitar-me. Sinto os pés gelados e não tenho uma botija para os aquecer. E os lençóis estão tão frios!...

Milagre! Acendeu-se a luz. Mas já estou deitado. Que importa? Posso continuar a escrever. A escrever... mas a escrever o quê? Já não sinto as palavras. E é assim. Sempre assim.

Nunca conseguirei escrever nada que se leia. Dia após dia; ora eu, ora a luz, ora os outros, e o que sinto nunca chega aos papéis que garatujo.

Não tenho sono. Não tenho inspiração. Não tenho esperança.

Há muito tempo que aquele livro está sobre a mesa de cabeceira, sem eu nunca lhe ter pegado. Folheando-o, talvez me provoque sono, e eu preciso descansar.

As páginas amarelecidas têm um cheiro característico a livros velhos. A letra miudinha que quase não distingo, encimando a primeira página, uma inscrição: «Cada dia que nasce é uma nova esperança que desponta»... Oh palavras de poeta! Oxalá... oxalá...

Soam badaladas na torre da igreja. Uma... duas... três... quatro... cinco.... «Cada dia que nasce é uma nova esperança que desponta»... o sol está prestes a nascer!... ah quem dera que nascesse já!...

... Uma nova esperança...

O livro pende-me das mãos e as pálpebras fecham-se-me sem quase dar por isso.

NORBERTO CUNHA

As Juventudes Musicais

são um equivalente artístico do Movimento Escotista

A propósito de um concerto realizado no Porto por iniciativa da Juventude Musical, lemos no «Jornal de Notícias» esta simpática referência em que é feito o paralelo entre o interessante movimento das Juventudes Musicais e o Escotismo.

(...) «Os dirigentes da delegação portuense da J. M. P. (...) prestaram, depois, aos jornalistas alguns esclarecimentos acerca dos objectivos e actividades daquele organismo.

«As Juventudes Musicais, disseram, foram criadas na Bélgica há cerca de 20 anos por Marcel Cuvelier. Este queria que elas fossem uma espécie de «escotismo musical». Isto quer dizer que se pretendia que a juventude encontrasse um destino ou um divertimento útil e formativo nas actividades musicais ou na preparação de concertos, colóquios, conferências, festivais e congressos de música. Deseja-se, neste organismo, que a juventude se responsabilize, que participe activamente nas tarefas destinadas a pô-la em contacto com a boa música de sempre. Cultiva-se o entusiasmo juvenil pela arte, esperando criar, para os jovens, uma preocupação mais saudável e elevada que muitas com que eles se perdem numa época em que é fácil até a desorientação dos adultos».

Sem dúvida, o paralelo com o Escotismo está muito bem formulado e revela um bom conhecimento das finalidades educativas do nosso Movimento que, de facto, se assemelham, embora noutro campo, aos objectivos tão importantes das Juventudes Musicais.

À MARGEM DO CONCURSO «ESCALPE DE OURO»

Classificação Geral (excluídos os pontos por assinaturas propostas)

	PATRULHAS	GRUPOS	PTS.
1.ª	Galo.....	52	84
2.ª	Águia.....	5	80
3.ª	Águia.....	13	80
4.ª	Cão.....	94	70
5.ª	Lobo	94	65
6.ª	Poupa	60	62
7.ª	Tigre.....	8	61
8.ª	Águia.....	94	60
9.ª	Gato Preto..	4	59
10.ª	Veado	7	55
11.ª	Leão.....	10	54
12.ª	Açor	59	54
13.ª	Leão.....	13	39
14.ª	Águia.....	10	35
15.ª	Falcão.....	14	31
16.ª	Tigre.....	14	16

PRÉMIOS EXTRA-CONCURSO

1.º—**Prémio «Sempre Pronto»** —a indicar.

2.º—**Prémio «Chefe Relvas Pereira»** — 1 rede de voleibol.

3.º—**Prémio «Wolfgang Karl»**— 1 faca de mato.

(Aceitamos e agradecemos ofertas de brindes para prémios desta classificação à margem do Concurso).

Dos amigos do "SEMPRE PRONTO"

De Luto — Por falecimento de seu pai, ocorrido em Maio passado, encontra-se de luto o nosso estimado amigo sr. Eugénio Ribeiro Nunes, membro da Direcção da Fraternal, a quem "Sempre Pronto„ envia condolências muito sentidas.

● Por falecimento de sua avó, também ocorrido em Maio último, estão de luto os nossos amigos e colaboradores srs. Armando e Luís Garcia Inácio, bem como o nosso redactor sr. Mariano Garcia Inácio, a quem "Sempre Pronto„ expressa o seu muito pesar.

Doentes—O nosso estimado assinante sr. Mário Brásio, caminheiro do Grupo n.º 8, esteve doente e internado no Hospital de S. José, onde foi submetido a uma operação cirúrgica, encontrando-se em vias de restabelecimento, que sinceramente desejamos.

● Também esteve de cama e fortemente atacado com a chamada «gripe azul», o nosso estimado amigo chefe António Barbosa, do grupo 4 do Porto, a quem desejamos pronto restabelecimento.

● A Esposa do nosso estimado amigo e colaborador sr. Rui Cunha, foi submetida a uma operação cirúrgica, na Liga dos Amigos dos Hospitais, que decorreu com o melhor êxito, encontrando-se quase restabelecida, com o que nos congratulamos.

O respeito da personalidade humana é o começo da sabedoria, em toda a questão social, mas acima de tudo em educação.

BERTRAND RUSSEL

"UMA VEZ ESCOTEIRO,

FOI ASSIM O «JAMBORI DA SAUDADE»...

Nós não estivemos no Jambori. Vimo-lo, melhor, sentimo-lo de muito longe. Mas sentimos e vimos! Sentimos através da correspondência recebida, dos pedidos ansiosos de material, dos inúmeros artigos e noticiário publicado em toda a imprensa da província de Moçambique. Vimo-lo nos olhos daqueles que lá estiveram e, por felicidade, vieram logo de seguida ao Continente: Engenheiro Jorge Pereira Jardim, seu irmão Alfredo Pereira Jardim, e Mariano Lapa. Um misto de



Os escoteiros e guias chineses da Beira com «antigos» dos Escoteiros de Portugal

alegria, de saudade e esperança iluminava-lhes ainda o olhar. E todos, numa unanimidade de opiniões, afirmavam: «Isto só lá, na Beira, era possível.... Éramos 153 antigos escoteiros, uns 15 escoteiros e guias chineses da Escola Chinesa da Beira, e muitos membros das famílias dos antigos escoteiros, mais de 600 pessoas. Tudo correu admiràvelmente. Pessoas de todas as opiniões e idades. Gente de todas as classes. Todos unidos numa impressionante manifestação de fraternidade, que só o Escotismo pode proporcionar.»

A ORGANIZAÇÃO

Em Fevereiro, talvez, o sr. Eng.º Jardim, entusiasta, como sempre, e fiel aos ideais da mocidade, procurou o sr. Jorge Cordeiro, antigo comissário regional da Beira dos Escoteiros de Portugal e sugeriu-lhe a iniciativa de, no dia do Escoteiro, no seguinte dia 23 de Abril, se reunirem os Antigos Escoteiros residentes na cidade numa romagem de saudade. Jorge Cordeiro, desmentindo os seus 62 anos, deixou-se logo empolgar pela sugestão: «Há 20 anos que espero por esta ocasião!»

Os srs. Engº. Jardim, Jorge Cordeiro e Padre Ferreira da Silva, este do C.N.E., constituíram-se em comissão para promover a iniciativa. Esperavam juntar duas ou três dezenas de «antigos», mas as inscrições começaram a subir e logo nos primeiros dias atingiram 60 antigos escoteiros e o recenceamento continuava. Era necessário alterar os programas e pensar numa grande reunião de camaradagem, um jambori—o «Jambori da Saudade».

Jorge Cordeiro foi o grande batalhador, o homem que viveu intensamente durante dois meses. Quase diàriamente a Imprensa, a partir dos primeiros dias de Março, publicava exortações de sua autoria, autênticas mensagens de saudade e de esperança. Jorge Cordeiro desenvolveu uma actividade extraordinária, que contava com o apoio constante do Eng.º Jardim, a alma da iniciativa. Os «Antigos» gravaram a canção «É lá!» e todos os dias a rádio do Aero-Clube da Beira emitia aquela canção seguida de palavras de incitamento do Engenheiro Jardim. dedicadas a todos os antigos escoteiros.



A Comissão Promotora do Jambori: Padre Ferreira da Silva (do C.N.E.), Engenheiro Jorge Pereira Jardim e Jorge Cordeiro, em frente do monumento a Caldas Xavier

As inscrições prosseguiram: «Antigos» de Lisboa, de Macau, dos Açores, de Goa, de Lourenço Marques, da Madeira, do Algarve, de Beja, de Coimbra, do Porto, bastantes da Beira, da Rodésia, da África do Sul, mas portugueses. Muitos Escoteiros de Portugal, outros do C. N. E., Guias de Portugal, senhoras antigos membros da Divisão Auxiliar Feminina dos Escoteiros de Portugal, um «antigo» suíço, outro alemão, etc. etc.



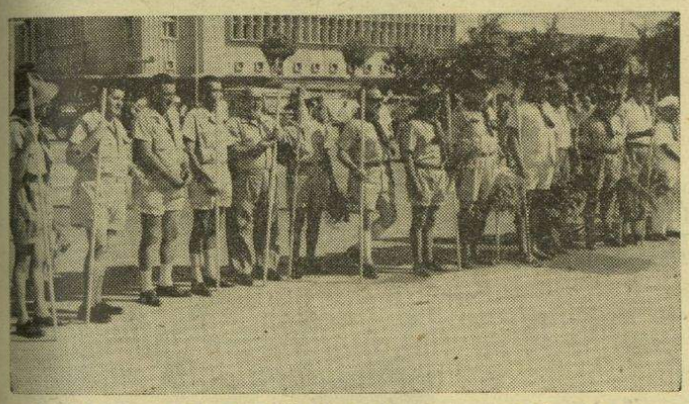
A 5.ª Patrulha constituída por antigos membros do Grupo n.º 108, de Pangim, Índia Portuguesa

E ASSIM COMEÇOU...

23 de Abril — Dia de S. Jorge e Dia do Escoteiro! Por todo o mundo livre a mocidade escoteira se agita e os «velhos» reúnem-se em romagem de saudade, que é também de esperança. Em Londres, mil «escoteiros

SEMPRE ESCOTEIRO''

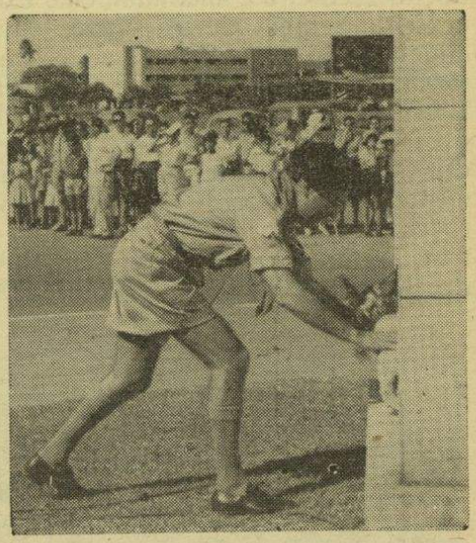
da pátria» desfilam perante a Rainha, que, mesmo doente, não quer deixar de estar presente. Em Paris, em São Paulo, em Nova Iorque, em Manila, em Otava, em Bruxelas... por toda a parte os escoteiros confraternizam, afirmam a sua fé e confiança nos altos ideais que os animam. Em Lisboa, os escoteiros sobem ao Castelo de S. Jorge e do alto da capital erguem o seu brado de alerta, enquanto os «Antigos» se reúnem num jantar de confraternização. Na próspera cidade da Beira, nesse rincão de Portugal Ultramarino, também desta vez se escuta o brado de «Sempre Pronto» dos Escoteiros. São os «Antigos», que não são meramente passado, mas também presente e, até, futuro, pois levam consigo filhos e netos a apontar o porvir.



Jovens de todas as idades afirmam que «uma vez escoteiro, sempre escoteiro»

Às duas horas da tarde, a vasta praça, em volta do monumento ao glorioso Caldas Xavier, apresentava um aspecto desusado, inédito na cidade. A polícia continha centenas de pessoas, enquanto no largo formavam patrulhas de escoteiros de todas as idades. Milagrosamente tinham surgido fardamentos, insígnias, velhos estandartes, galhardetes. Não eram impecáveis os uniformes. Alguns cintos tiveram dificuldade em apertar e calções havia que tiveram de ser alargados. Alguns conseguiram apenas um lenço escoteiro. Vieram chapéus do estrangeiro, insígnias da metrópole, esgotaram-se as fitas de seda nas lojas da Beira...

Mas ali estavam as patrulhas, aprumadas, solenes, profundamente sinceras nos sentimentos expressados. Soaram as vozes de comando, destreinadas, mas seguras. Saudação! O Engenheiro Jardim, acompanhado pelo Rev. Ferreira da Silva e por Jorge Cordeiro colocam na base do monumento um ramo de flores, homenagem dos Escoteiros, afirmação de lusitanidade dos cavaleiros da flor de lis.



O Engenheiro Jorge Pereira Jardim coloca o primeiro ramo de flores no monumento a Caldas Xavier, acto com que os escoteiros iniciaram a comemoração, afirmando o seu amor à Pátria

Vieram mais ramos, homenagem das patrulhas, e o monumento ficou juncado de flores. Depois os escoteiros desfilaram em continência ao insigne escoteiro português Caldas Xavier.

A CAMINHO DO DONDO

Terminado este acto cívico, os escoteiros encaminharam-se para o Dondo. Noventa e cinco carros de todos os tipos transportaram escoteiros e famílias. Foi um cortejo impressionante, aberto pelas motocicletas da polícia,

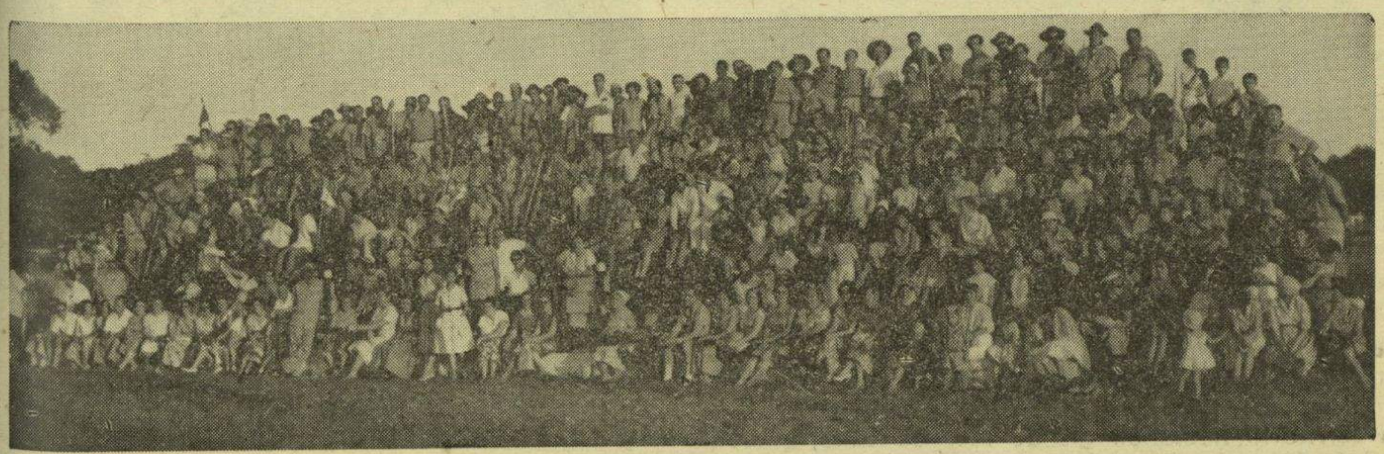
No Dondo, os escoteiros da Beira eram aguardados pela Patrulha «Lusalite» constituída por empregados desta Empresa, proprietária do local onde o acampamento se realizava, e que dispensou um acolhimento simpático e generoso aos seus hóspedes. Esta patrulha era chefiada por Maximiano Baptista Leiria, que pertenceu ao grupo de Tavira, e que foi também o Chefe do Acampamento.

Todos os campistas fizeram entrega dos seus volumosos farnéis, contribuição individual para a festa comum.

O ACAMPAMENTO

No centro de um terreno agradàvelmente relvado encontravam-se os mastros para as bandeiras. As patrulhas formaram em volta. Eram 17 patrulhas a 9 escoteiros! Às 15.30 um clarim tocou a sentido. O silêncio foi impressionante. Toque de continência. A sau-

(Continua na página 12)



Foi esta a multidão que esteve no «Jambori da Saudade»

"UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO"

(Continuação da página 11)

dação escoteira é imediatamente executada por aquela centena e meia de «antigos», que afirmavam com aquele gesto a fidelidade ao Compromisso de Honra formulado há 10, há 20, há 40 e mais anos porque UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO!

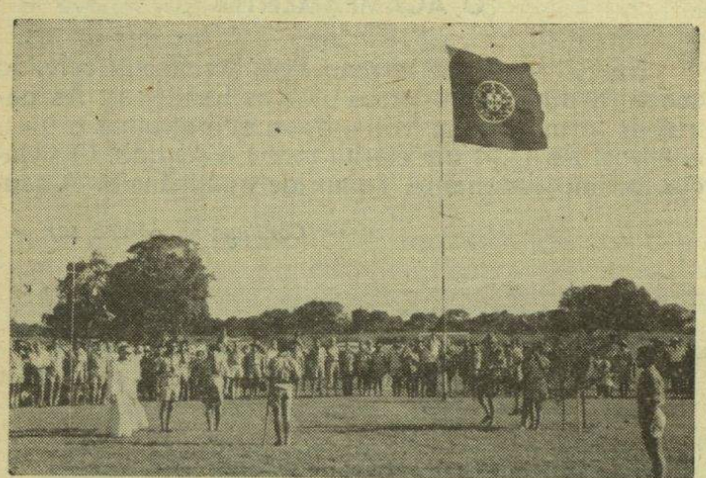
A Bandeira de Portugal e a Bandeira da Fraternal dos Antigos Escoteiros de Portugal subiam solenemente nos mastros de honra, fitadas pelos olhos generosos dos antigos escoteiros, que, emocionados, vertiam lágrimas de saudade sem dúvida, mas também de esperança e, sobretudo, de fé.



Maximiano Baptista Leiria, chefe de acampamento, inicia o «Jambori da Saudade» com a leitura da ordem de campo. Em primeiro plano vê-se a Comissão Promotora das comemorações do Dia do Escoteiro

Tocou a destroçar. Mas vamos dar a palavra ao «Notícias da Beira» que, pela pena de alguém que viveu intensamente o acontecimento nos descreve o acampamento com um saboroso espírito escoteiro:

«Contaram-se velhas histórias, riu-se com gosto, comentaram-se especialidades, houve gracejos cordiais a chapéus castigados por traças atrevidas. Alguém, com sentido de humor, espalhava que Carregal Ferreira, antigo comandante de aeronaves, agora cervejeiro, trazia no braço direito cápsulas das garrafas da sua fábrica. Mas não. Eram apenas os símbolos das muitas especialidades que obtivera nos seus muitos anos de Escoteiro da Pátria.

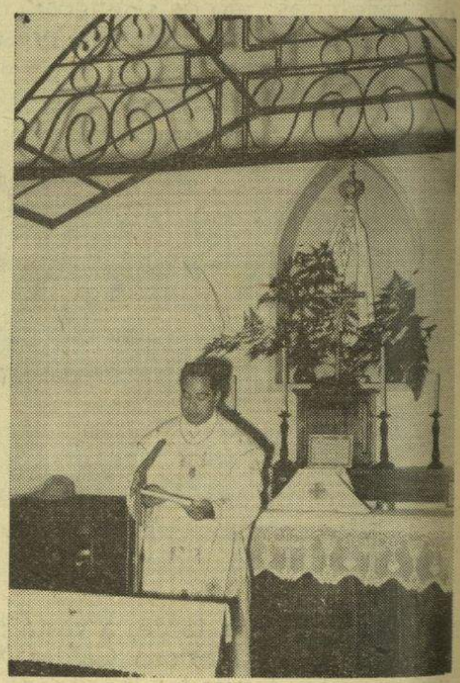


No céu azul da Beira, ondula a bandeira verde-rubra de Portugal, solenemente arvorada pelos Escoteiros

«(...) Todos queriam dar a primazia ao seu Grupo. Era o primeiro, o mais antigo, o mais importante. Guimarães e Salema recordam a criação do antigo 10 de Lourenço Marques, o segundo grupo escotista em território nacional. Os do 108, da Índia, querem também honras para si. Mas vêm os algarvios, os «da capital», os de Vila Real ou dos Açores, que afirmam que lá é que se fazia escotismo a sério.

O SERVIÇO RELIGIOSO

«Da capela vem o som límpido chamando à missa. Oficia o Padre Ferreira da Silva, acolitado pelo antigo escoteiro Schaller Dias. O Chefe-Sacerdote profere uma homília onde há patriotismo, universalismo, religião, um amálgama de escotismo com humanismo, escotismo de novo. (...)»

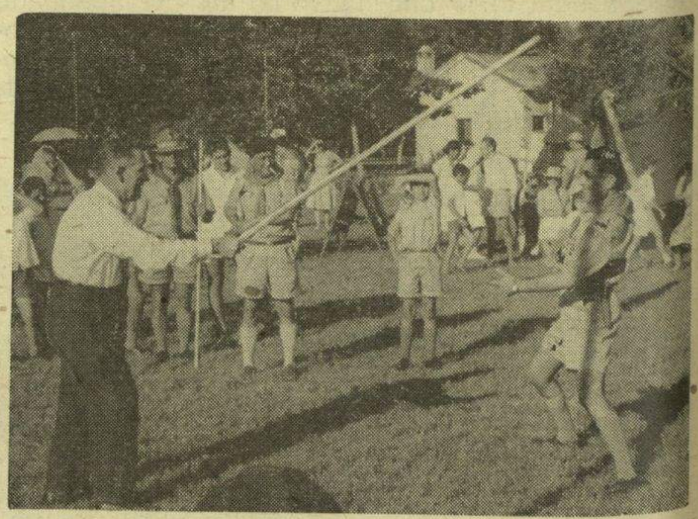


«Amar a Deus e a Pátria» — O Rev. Ferreira da Silva lê a sua homília

OS JOGOS

Também houve jogos no acampamento! Jogos perfeitamente idênticos àqueles que se faziam nos outros tempos. Até nisso o acampamento foi realmente de esperança porque teve o condão de entusiasmar os novos, os filhos, os netos mesmo. Mas vamos dar novamente a palavra ao «Notícias da Beira»:

«Num terreiro a propósito tiveram lugar as provas físicas da tarde admirável. Houve transmissões com bandeiras, muito aplaudidas, bem transmitidas e bem



O Eng.º Jardim e Jayme Anjos de Assis, este um dos poucos que não conseguiram fardamento, recordam no jogo do pau os tempos saudosos de uma juventude que se perpetua no espírito

(Continua na página 13)

"UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO"

(Continuação da página 12)



O Eng.º Jardim e seu irmão Alfredo Pereira Jardim recordam que era assim mesmo no «13», da Sociedade de Geografia de Lisboa

decifradas. As más línguas — estes eternos jovens têm coisas... — confidenciaram que o transmissor tinha dado ao receptor, antecipadamente, a mensagem escrita. Não, não acreditamos. A coisa foi ali no duro.

«De mais duro, porém, as disputas atléticas que se seguiram. Houve diabólicas corridas de sacos; *sprints* em três pernas; lutas de tracção. Aqui, senhores, apareceu uma breve «canganhice» africana. Os



Um aspecto das corridas de duas pernas. Não houve falta de entusiasmo!

metropolitanos competiam com os ultramarinos, duas dúzias de corpos musculados de cada banda. Não queremos ser indiscretos. Não dizemos qual deles amarrou a extremidade da sua corda a uma árvore próxima.

«A competir viam-se também senhoras fardadas de chefes de escutas e guias. Madame Azambuja recebeu felicitações pela brilhante vitória «ensacada».



A corrida de sacos foi dura. Algumas quedas mas nenhuma desistência. A mocidade afirma-se por actos.

O ALMOÇO

«No rinque de patinagem as mesas estavam postas com os farnéis trazidos na camaradagem sempre presente em todos. Não seria preciso o milagre dos pães e dos peixes. Mas no sábado, no Dondo, ele iria verificar-se se houvesse mister.

«Comeu-se e bebeu-se alegremente, ao som de marchas que o carro sonoro do Zé Moura uma vez mais levou para as festas em que quer colaborar. E quer sempre, valha a verdade. Os pastéis de bacalhau estavam óptimos. A galinha corada apetecia. O vinho sabia bem. O que não se come com alegria, boa disposição, com o sangue a girar rápido nas veias depois das provas de força?

O FOGO DO CONSELHO

«A noite tinha-se fechado. No céu brilhavam estrelas. Era a hora votiva do «Fogo do Conselho». Lentamente, os escoteiros e suas famílias procuraram de novo o local do acampamento, no meio do qual se erguia a pilha de lenha que constituiria a cerimónia mais querida e tradicional do escotismo. Carregal Ferreira, na sua qualidade de Escoteiro da Pátria, teve a honra de acender o fogo. As chamas crepitaram alegremente, pondo reflexos rubros nas faces de todos, aumentando a alegria, boa disposição. O hino escotista eleva-se na noite, como outra chama.

«À roda da fogueira todos se sentam, que o Conselho vai começar.

«O Padre Ferreira da Silva, a batina branca cortada por uma condecoração, acesa pelas chamas rubras da fogueira, empolga a assistência com uma alocução frequentemente interrompida por calorosos aplausos. O antigo escoteiro-chefe faz afirmações dessassombradas, onde põe a sua alma de sacerdote e a sua fé escotista.

«O ideal do escoteiro é sublime, é generoso, é forte e alegre. Pode obrigar-se um escoteiro a despir a sua sua farda, mas se for verdadeiramente escoteiro, não despirá jamais a sua alma. Podem fazê-lo curvar a cabeça; porém, não curvará a sua consciência. É uma grande causa esta que hoje nos faz reunir aqui. Tão grande, tão sublime, que muitos têm morrido por ela. E as causas nunca morrem, desde que se morra por elas. No grande trabalho da educação da juventude há lugar para todos os bem intencionados. Está sendo prestada a justiça que é devida ao escotismo pela sua grande força universalista. Por isso, esta reunião de saudade, traz consigo uma semente de esperança».

«Frases dispersas que se apanham no ar aquecido pelas chamas da fogueira que bailam o seu bailado de luz. Aquecido também pelas almas dos escoteiros que neste momento estão concentradas num pensamento único de generosidade e de acção.

«Uma grande ovação sublinha as últimas palavras do Padre Ferreira da Silva. Anuncia-se então o «entreacto de variedades».

«Carregal Ferreira comanda a patrulha N.º 10 que impõe aos camaradas uma constipação colectiva. O Secretário Amaral Brites recita em verso o ideal escotista. O grupo n.º 7 canta... e com que afinação! As raparigas e rapazes chineses, que gentilmente estiveram presentes neste Jamboré, cantam o seu hino na língua oblíqua e doce da sua terra oriental. O hino toma uma feição nova entoado nesta linguagem fininha por vozes jovens. Seguem-se canções do «Celeste Império» que prendem os camaradas europeus. A pa-

(Conclui na página 14)

"UMA VEZ ESCOTEIRO, SEMPRE ESCOTEIRO"

(Conclusão da página 13)

trulha n.º 82 canta também. A 6.ª patrulha entra no clarão da fogueira em fila indiana, com gritos de guerra dos peles vermelhas. Os da cauda espalham-se ao comprido. Mas a pantomina recomeça. Cantam «quá-quá» e um dos seus homens salta o fogo e chamusca os pelos. A patrulha «da capital», que Marino Moreira dirige, interpreta com muita expressão «o silêncio é de oiro». Os de Vila Real têm em Paulo Pinho um orador de garra, que é retirado à força do microfone. Depois cantam uma marcha e cantigas regionais. O Grupo 108 de Pangim, canta com acompanhamento de guitarra e tambor. O Capitão António Machado, que dele faz parte, recita um poema que recebeu fartos aplausos.

«Para encerrar as variedades, a patrulha da Lusalite canta o clássico «O caidi, o caidá», com versos cómicos que têm por alvo o cinto do Marino, o «Machado» do Comandante da Polícia, os discursos do Cordeiro, Leiria ser do Algarve, o que é contrário à geografia, etc., etc.

«O Eng.º Pereira Jardim toma então a palavra. Com o entusiasmo que põe sempre nas suas actividades, o orador fala da ética escotista, nas grandes virtudes do verdadeiro escoteiro. E notícia que o Comissário Regional Jorge Cordeiro fora agraciado com a medalha de dedicação, ouro, pela Associação dos Escoteiros de Portugal. Chama o homenageado e põe-lhe ao peito a sua própria medalha, o que provoca uma grande salva de palmas de toda a assistência. Jorge Cordeiro e Eng.º Jardim abraçam-se, enquanto o primeiro, comovidíssimo, enxuga os olhos à sobreposse. O Cordeiro a chorar? Pois era lá, possível! O Eng.º Pereira Jardim termina o seu discurso com a seguinte afirmação: «Se levarmos connosco a chama do escotismo, que se desprende do Fogo do Conselho, este jambori não será de saudade, mas sim de esperança». E, a finalizar, recita o compromisso de honra dos escoteiros, que todos, artigo por artigo, confirmam num coro impressionante.

«E quando as chamas da fogueira bailavam mais mansamente, consumindo a lenha e atirando para o ar imóvel, mil faúlhas douradas, todos os presentes, em sentido, entoaram, num coro que acordou a noite, as estrofes heróicas do Hino Nacional, enquanto as Bandeiras eram arriadas».



O Fogo do Conselho está a terminar... O Eng.º Jardim profere o discurso de encerramento, tal como fazia há alguns anos atrás, como o fez no Acampamento Regional do Estoril em 1942

* * *

E foi assim que nós, aqui no Continente, escutámos o eco do «Jambori da Saudade». Ele vinha até nós como uma afirmação de fé na eterna mocidade dos que uma vez envergaram o uniforme escoteiro. O Jambori da Saudade — como ali se afirmou — terminava numa apoteose de esperança na perenidade do Escotismo, movimento que empolga a juventude para servir a Deus e a Pátria no amor e serviço do semelhante.

«Uma vez escoteiro, sempre escoteiro» — por isso o Escotismo ressurge sempre onde houver uma alma escoteira e, na Beira, havia realmente muitas.

O "SEMPRE PRONTO" NA BEIRA

Os Antigos Escoteiros reunidos no Dondo, no Jambori da Saudade, manifestaram desejo de assinar o «Sempre Pronto», jornal dos Escoteiros que, através de difíceis quinze anos de publicação, tem pugnado pelo ideal escoteiro e mantido tenazmente o facho, levando a mensagem de fé a todos os cantos de Portugal.

Em mensagem que dirigimos aos companheiros reunidos naquele Jambori da Saudade, afirmâmos:

«Chega agora o brado feliz e caloroso dos irmãos-escoteiros da Beira. É um grupo numeroso de amigos onde vemos companheiros que estimamos desde longa data. A vossa reunião — O JAMBORI DA SAUDADE — ficará como um marco histórico do Movimento dos Escoteiros de Portugal e enche-nos de justificado entusiasmo, encorajando-nos a ir mais além nesta cruzada de boa vontade e fraternidade entre os homens».

A nossa espectativa não foi iludida. Para além do estímulo moral que representa o acontecimento em si, esta prova de confiança e estima por «Sempre Pronto» subscrevendo em massa o nosso jornal, é uma prova magnífica de fé que nos impulsiona e nos mantém nesta cruzada em que estamos empenhados.

* * *

A fim de assegurar a manutenção das relações com os Escoteiros na Beira, fizemos convite ao nosso estimado amigo sr. Alfredo Pereira Jardim, para assumir o cargo de nosso Delegado naquela cidade e regiões vizinhas. Este nosso bom companheiro, dando prova do seu amor ao Escotismo, imediatamente aceitou este cargo, motivo por que lhe estamos muito reconhecidos. Temos assim a certeza de que «Sempre Pronto» manterá firme a sua presença naquela província de Portugal e que sempre se ouvirá falar da Beira nestas colunas.

Dada a dificuldade nas cobranças, pedimos a todos os Amigos que recebam este número do «Sempre Pronto» e, de facto, confirmem o seu desejo de assinar o jornal, o favor de efectuar o pagamento da assinatura junto do nosso Delegado. O preço para as províncias ultramarinas é de Esc. — 20$00 anuais.

Escoteiros que tomaram parte no "Jambori da Saudade"

Dirigentes:

Eng.º Jorge Pereira Jardim;
Jorge Cordeiro;
Padre Ferreira da Silva.

1.ª Patrulha

José Martins; Mapril de Jesus; José Rodrigues; Eduardo da Fonseca César; Álvaro Tavares; João Medeiros; Simão Rodrigues; José Saraiva Barreto; Joel Guerra Quintana.

2.ª Patrulha

Gabriel de Carvalho; Jacinto Tavares; Joaquim Gomes Tavares; Joaquim Ventura; Adriano Baptista Pego; Celestino Maria Monteiro; Ruy Negrier Moreira; José Paiva; António Augusto.

3.ª Patrulha

Marino Moreira; Francisco Queriol Vieira; Ernest Linder; Ruy Lacerda Forjaz; José Luís Ribeiro da Cruz; Mário R. Pires de Almeida; Fernando Rebelo de Melo; Ernesto Correia; Francisco Saraiva Barreto.

4.ª Patrulha

Maximiano Baptista Leiria; Alfredo da Cruz Rodrigues; Alfredo Bandeira Rodrigues; Augusto Aleixo; Júlio Forte Homem; Arnaldo Forte Homem; Guilhermino de Carvalho Minheio; Manuel Récio; Orlando da Conceição A. Pinto.

5.ª Patrulha

António Octávio Dias Machado; Ivo da Piedade Rebelo; Vasco Alcântara de Melo; Francisco Augusto C. Mendes; Fernão António Oliveira Pegado; Vasco Luís Lobato Oliveira Pegado; Francisco César Scheller Dias; José N. Estrócio do Rosário; António Lourenço Rui Alves.

6.ª Patrulha

Joaquim Picardo; Ilídio Gomes Tavares; Arsénio Gomes; Afonso Luís Correia; Francisco Pereira; Manuel Pereira Durão; Joaquim Costa; António Medeiros; Álvaro José Ribeiro Pires.

7.ª Patrulha

José Roberto Duarte Silva; Joaquim Lourenço Rodrigues Costa; António Nascimento Rodrigues Seco; António Rosa Bernardino; Ricardo Francisco Gouveia; Luís Vilela de Mota; Vítor Arlindo Correia de Sousa; António Maria Fernandes David; Arnaldo Luís Schwbach.

8.ª Patrulha

Mariano Queriol Vieira; Eduardo M. Fernandes; António Alfredo Pereira Durão; Artur Rocha; José Nascimento Rodrigues; João Manuel de Almeida; Nuno Carrelo da Silva; Artur Magno Pinheiro; Margarido dos Santos.

9.ª Patrulha

Alfredo Pereira Jardim; Adelino Mouzinho Velez; Manuel Ferro; Mariano Américo Santos Lapa; Fernando Guedes Salgado; Jayme Anjos de Assis; Manuel Gustavo de Veiga Frade; António Rodrigues Conceição Sopa; Heinz Raabe.

10.ª Patrulha

José Marrocos; Abel Luís Moreira; João Manuel Purificação; João Petim; Dionísio Rodrigues Pinho; Manuel Costa Maciel Andrade; Miguel Maciel Andrade; Joaquim Pereira Duarte; José Pedro da Gama Araújo.

11.ª Patrulha

Francisco de Sousa; Israel Pereira Perdigão; Licurgo Ferreira de Carvalho; Augusto Marcelo de Matos; Rogério Pereira; José Alves Jor; Abílio Fernandes Costa; Américo João; Eduardo Maia.

12.ª Patrulha

Manuel da Gama Lobo Salema; Mário Feio Soares Guimarães; João Maria Carregal Ferreira; Armando Vaz Pereira Brites; Sucena Matos; José Gomes de Castro; Júlio Nunes; Diogo da Gama Lobo Salema; Mário Elias de Almeida.

13.ª Patrulha

Eurico Ponciano de Magalhães; Manuel Matias Ferreira; Américo Matias Ferreira; Manuel Coutinho (Médico); Francisco Xavier Pereira; Óscar MacCauly Morbey; José Burges de Ávila; Jayme de Sousa Tomé; Alberto Lopes Simões.

14.ª Patrulha

Luís Manuel Sampaio Fernandes; Fausto de Lemes Borges; Giorel Carvalho Neves; Pierre Maia; Luís Felipe Bessone Fialho; Rui Manuel Cabral Teles Palinha; Raymundo António Correia Mendes; Paulo Pinho; Fernando Inácio Alves.

15.ª Patrulha

Domingos Pereira Campos; Arnaldo Silva; Armindo Pereira Brás; Luís Morisson de Oliveira; Francisco de Grandi; Feliciano Pinto Pérola; Luís Amaral Ferreira; José Esteves; Carlos Alberto Simões Ramalheira.

16.ª Patrulha

Diamantino Tomé; Guilherme Queriol Vieira; Saul Dias Raphael; Manuel Maria Santos Costa Pinto; Francisco Maximiano Aleixo do Carmo; Jean Michel Comites; Francisco José Silvério Moiteira; Jaime Fernando Ribeiro de Almeida; António Abreu de Faria.

17.ª Patrulha

D. Teresa de Sousa Pereira Jardim; D. Julieta Bandeira Rodrigues; D. Maria Fernanda Silva Reis; D. Júlia Oliveira Pereira Azambuja; Joaquim F. V. Nunes de Carvalho; Jaime Valle; Orlando Cordeiro; Amílcar Apolinário; Libório Rodrigues.

Jambori da Saudade

Poesia do Capitão António Machado recitada naquele Jambori.

Quem nos juntou aqui?
Porque damos as mãos,
hoje, neste lugar,
e estamos como irmãos
a recordar?

Que alma nova renasceu em nós
e nos pôs a cantar como dantes?

Lembrem-se!

Deus presidiu à nossa formação.
No coração nos acendeu bem fortes
os sentimentos da Pátria e da Família.
O amor do próximo nos deu
por principal dever
e dele fizemos uma razão de ser.

Sempre Prontos aqui,
Deus nos juntou.
A Pátria nos chamou
para nos juntar.

A família trouxemos
para mostrar
que o amor do próximo
ainda nos comanda...
Na verdade, é que é ele quem nos manda
dar as mãos com força
e sermos como irmãos
nesta realidade
do congresso de espírito
no JAMBORI SAUDADE.

Mensagem da Região Centro dos Escoteiros de Portugal

Aos Antigos Escoteiros reunidos no Jambori da Saudade

De uma mensagem enviada para a Beira destacamos os seguintes períodos:

Foi com regozijo que tomámos conhecimento da realização duma reunião de Antigos Escoteiros, residentes em Moçambique, a levar a efeito no próximo dia 23 de Abril, dia de S. Jorge, patrono dos Escoteiros.

Esse regozijo corresponde de dois aspectos que queremos bem frisar neste momento.

O sinal do despertar da consciência escotista no Ultramar Português, de modo a colocar essas parcelas do território nacional em absoluta igualdade com a Metrópole, a Mãe Pátria.

O sinal de que, levando-se até às províncias ultramarinas o ideal escotista da fraternidade, para além das raças, religiões ou convicções, se tornará mais una a consciência nacional, visto passar a haver mais um núcleo de homens que se guiam pelos mesmos nobres ideais que aprenderam quando jovens.

Os escoteiros podem vir de várias camadas sociais, podem dirigir-se, pela vida fora, para objectivos diversos, mas há qualquer coisa de muito querido que os une a todos, são os ideais de fraterna amizade e de amor aos valores, que consideram sagrados, da Pátria e de Deus. Ora, são estes sentimentos basilares que importa fomentar, aí como aqui, e, por isso, a reunião que ides realizar só pode merecer o nosso aplauso numa época e mundo tão conturbados, onde tais princípios basilares parecem ser, por vezes, tão esquecidos quanto necessários o são.

Bem hajam pois todos aqueles que aí estiverem reunidos; que pensem nos muitos milhares que representam, por terem passado pelo Escotismo, mas que pensem naqueles que ainda jovens se acolhem agora à protecção dos ideais escotistas; e que pensem, também, naqueles muitos milhões de portugueses, escoteiros ou não, de Moçambique, Angola, Índia Portuguesa, da Metrópole, de todas as outras parcelas do imenso Portugal, ou ainda naqueles portugueses que em países estrangeiros labutam, enviando-lhes os sentimentos de amizade, de carinho e portuguesíssimo amor que a todos deve unir.

(...) Para todos vão os abraços de todos nós, representados aqui por aqueles que mais junto a mim trabalham na Região.

O Delegado dos Serviços Centrais na Região Centro

a) JOSÉ MARIA NOBRE SANTOS

Quando Baden-Powell visitou Moçambique

Eis-me em Lourenço Marques, chamado também Baía de Delagoa. É o porto principal da África Oriental Portuguesa. Tinha já vindo aqui há trinta e nove anos. Nessa ocasião, após o desembarque, estive de cama com um acesso de febre. Agora, na véspera da minha chegada, caí à cama com a febre!

Diz-se que a história se repete. Isto parece ser verdade no meu caso.

O pior é que na ocasião da minha chegada os escoteiros e as escoteiras se tinham reunido no cais para me apresentar as boas-vindas, mas, no momento do barco acostar, Lady Baden-Powell e eu estávamos na cama com a febre, e incapazes de desembarcar. Entretanto, durante a noite lancei mão de todos os remédios, drogas e pílulas, que o médico de bordo conseguiu encontrar, de tal forma que, pela manhã, quando os escoteiros e as escoteiras tinham de novo organizado um cortejo pude-me levantar, vestir meu uniforme e dirigir-me a terra para lhes passar revista.

Tinha vertigens, sentia-me bastante fraco, porque esta maldita febre deita um homem abaixo num curto espaço de tempo; mas eu pude assim mesmo percorrer cada fileira de caminheiros, escoteiras, escoteiros, lobitos e avezinhas. Fiquei impressionado, devo dizê-lo, do seu magnífico porte, da limpeza dos seus uniformes, da sua bela apresentação geral, os caminheiros muito particularmente, jovens altos bem desempenados.

As numerosas insígnias de especialidade provavam que eles não eram escoteiros de parada, mas punham todo o seu coração na sua tarefa.

Isto não me surpreendeu porque, dois dias antes, tínhamos tocado na Beira, um outro porto desta colónia portuguesa, onde tínhamos encontrado um grupo de escoteiros que nos deu a mesma excelente impresssão. Visitámos a sua sede central e assistimos a um fogo de conselho dado em nossa honra.

Este fogo de conselho foi muito alegre, e, embora não pudéssemos compreender uma só palavra da sua linguagem, algumas das suas canções e dos coros fizeram-nos rir até às lágrimas. Fizeram-nos também ouvir solos acompanhados à guitarra e engraçadas cambalhotas e habilidades.

Em resumo, trouxemos desta visita aos nossos irmãos escoteiros portugueses uma excelente impressão; eles podem certamente comparar-se àqueles que vimos em Lisboa e na Madeira.

São igualmente amigos dos seus vizinhos, os escoteiros ingleses da Rodésia, da União da África do Sul. Acampam juntos, trocam visitas. Um forte contingente de escoteiros portugueses participará no Jamboree da África do Sul, em «East London».

Se puderdes fazer o favor, hoje ficarei por aqui: tenho a cabeça vazia e cheia de zumbidos. Creio que farei bem se beber um pouco de limonada e depois me meter na cama para dormir um pouco e desembaraçar-me desta estúpida febre.

Eu devo-a ter apanhado na região selvagem do Quénia, que é conhecida pelo país das febres.

Desejaria estar desembaraçado da febre dentro de poucos dias, a fim de estar em condições para o grande Jamboree. Por agora, passo o tempo na cama, a bordo do *Incomati*, preguiçoso e confortàvelmente, mas com uma horrível dor de cabeça, uma sede espantosa e nenhuma vontade de comer seja o que for.

BADEN-POWELL

NÚCLEO DE AMIGOS DO «SEMPRE PRONTO»

FUNDO DE MELHORAMENTOS

Contas do primeiro Semestre de 1960

Receita:

Quotizações dos Srs:

Albano da Silva	10$00
António Norberto de S. Cunha	20$00
Prof. Aníbal Ramos	10$00
José Domingos Barão	10$00
Eduardo Ribeiro	10$00
Eduardo Augusto Rolão	20$00
Engénio Ribeiro Nunes	20$00
Wolf Karl	20$00
Carlos Alberto Cavaco Baptista	11$00
António F. Xavier de Brito	11$00
António Aug. da Silva e Cunha	22$00
Rui da Silva Paulo	20$00
Jacinto dos Reis Moniz Silva	20$00
Luís Simões Aurélio	10$00
Alfredo Jorge Gallis	10$00
Rui Alberto M. Campos	10$00
	234$00

Despesa:

4 páginas suplementares do número de Abril. Participação do Fundo na despesa de Esc.-462$50	234$00

Lisboa, Junho de 1960.

O Administrador
CAPITOLINO FERREIRA MACEDO

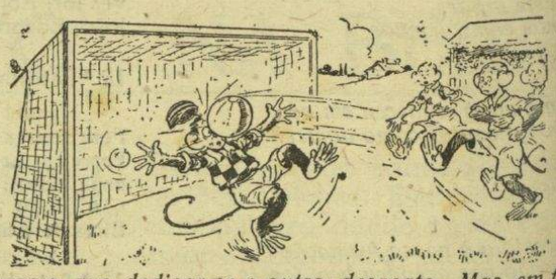
N. da R. — Este fundo é constituído por quotizações de membros do Núcleo de Amigos do «Sempre Pronto», que participam com uma quota mínima semestral de Esc. — 10$00 e destina-se a fomentar o desenvolvimento do jornal. Todos os nossos estimados leitores que tenham prazer em se associar a esta iniciativa podem fazer a sua inscrição.

AVENTURAS DE FIFI

XVIII



As férias, para o Fifi, ainda não acabaram. É preciso aproveitar o tempo, porque as brincadeiras qualquer dia acabam... Ei-lo a jogar com o primo... mas o cãozinho veio e... e fugiu com a bola. Já é preciso ter pouca sorte.



Tiveram que dedicar-se a outro desporto. Mas em futebol não foi mais feliz. Ei-lo a guarda-redes. Não foi golo, é certo, mas levou uma bolada na cara que até viu as estrelas ao meio-dia...



Decidiram-se por um passatempo menos perigoso: andar de baloiço. Mas a cabra parece querer estragar tudo. Conseguirão eles aguentar-se?